



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
PROGRAMA DE DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E
MULTIDISCIPLINAR EM DIFUSÃO DO CONHECIMENTO – DMMDC

HEITOR FERRARI MARBACK

**UMA VIAGEM EXPLORATÓRIA PELO VALE DO PATI:
ESTUDO SOBRE O ACOLHIMENTO NOS MEIOS DE HOSPEDAGEM**

SALVADOR – BA
2018

HEITOR FERRARI MARBACK

**UMA VIAGEM EXPLORATÓRIA PELO VALE DO PATI:
ESTUDO SOBRE O ACOLHIMENTO NOS MEIOS DE HOSPEDAGEM**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Difusão do Conhecimento.

Orientador: Prof Dr. Biagio Maurício Avena

Coorientador: Prof. Dr. Elias Ramos de Souza

SALVADOR – BA
2018

Marback, Heitor Ferrari.

Uma viagem exploratória pelo Vale do Pati : estudo sobre o acolhimento nos meios de hospedagem / Heitor Ferrari Marback. - 2018.

87 f. il.

Orientador: Prof. Dr. Biagio Maurício Avena.

Coorientador: Prof. Dr. Elias Ramos de Souza.

Tese (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2018.

1. Hospitalidade. 2. Turismo. 3. Parque Nacional da Chapada Diamantina (BA). 4. Vale do Pati (Diamantina, Chapada, BA). I. Avena, Biagio Maurício. II. Souza, Elias Ramos de. III. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. IV. Título.

CDD 338.4791 - 23. ed.

HEITOR FERRARI MARBACK

**UMA VIAGEM EXPLORATÓRIA PELO VALE DO PATI:
ESTUDO SOBRE O ACOLHIMENTO NOS MEIOS DE HOSPEDAGEM**

Tese apresentada ao Programa de Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Difusão do Conhecimento.

Salvador, ____ de _____ de 2018

Banca Examinadora

Prof. Dr. Biagio Mauricio Avena _____

Pós-Doutor em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Brasil
(Orientador) Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, Brasil

Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi _____

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Brasil
Universidade Federal da Bahia – UFBA, Brasil

Prof. Dr. Elias Ramos de Souza _____

Doutor em Biofísica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Brasil
(Coorientador) Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, Brasil

Profa. Dra. Francisca de Paula Santos da Silva _____

Pós-Doutora em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal
Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Brasil

Prof. Dr. Francisco Emanuel Matos Brito _____

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, Brasil
Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Brasil

Profa. Dra. Glauria Janaina dos Santos _____

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Brasil
Instituto Federal de Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA, Brasil

A

Cissa, minha esposa e companheira de todas as horas. Esse trabalho é mais seu do que meu. Se não bastasse dar a ideia e ajudar no trabalho de campo, o seu amor pela Chapada Diamantina e pelo Pati me contagiou e mudou de vez a minha (e a nossa) história.

Henrique, meu filho, com quem sempre aprendo mais do que ensino.

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, pelo dom da vida;

À minha esposa, Cissa, e ao meu filho, Henrique, meus companheiros de todas as horas, pelo amor e paciência de sempre!!

Aos meus pais, Roberto e Marina, por toda dedicação e amor;

Aos meus avós, por serem, cada um à sua maneira, meus construtores;

Aos meus irmãos, Duda e Beta, simplesmente por serem meus irmãos!

Ao meu orientador, hoje um amigo e conselheiro, Prof. Dr. Biagio Avena, por toda paciência e sabedoria;

Aos Professores, servidores e colegas do Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, pelo apoio nessa trajetória;

À equipe do ICMBIO, em especial Marcela, pela disponibilidade e apoio;

E, finalmente, aos moradores do Vale do Pati, que recebem o turista de uma forma tão encantadora, nos ensinando tanto sobre acolhimento.

MARBACK, Heitor Ferrari. **Uma viagem exploratória pelo Vale do Pati**: estudo sobre o acolhimento nos meios de hospedagem. 2018. 87 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento. Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2018.

RESUMO

O Vale do Pati é um local que tem características muito específicas, as quais o tornam um destino turístico singular. Esse trabalho de pesquisa, intitulado “Uma viagem exploratória pelo Vale do Pati: estudo sobre o acolhimento nos meios de hospedagem”, tem como objetivo geral descrever de forma detalhada esse destino turístico localizado no Parque Nacional da Chapada Diamantina, no centro-oeste do Estado da Bahia, Brasil, para construir duas propostas. A primeira é uma proposição de conceito de acolhimento turístico sob o olhar do patizeiro, moradores locais que recebem os turistas em suas casas. O acolhimento turístico é uma temática pouco pesquisada, que tem como principais referências o autor brasileiro Biagio Avena e o francês Gouirand. No segundo eixo, é apresentada uma proposta de aplicativo digital ou site que possa ofertar ao turista informações sistematizadas sobre o *locus* da pesquisa, assim como dos meios de hospedagem disponíveis. Enquanto estratégia metodológica, utilizou-se a pesquisa descritiva e exploratória, e os procedimentos metodológicos envolveram levantamento, observação, convivência, anotações, monitoramentos de acesso e entrevistas. Os resultados da pesquisa apontam para a importância de uma atenção especial com o quesito gestão do parque e seus impactos para o Vale do Pati, assim como sinalizam a necessidade de cuidar dos saberes locais e da sua difusão.

Palavras-chave: Hospitalidade. Turismo. Parque nacional da Chapada Diamantina - BA. Vale do Pati (Diamantina, Chapada, BA). Acolhimento.

MARBACK, Heitor Ferrari. **Uma viagem exploratória pelo Vale do Pati**: estudo sobre o acolhimento nos meios de hospedagem. 2018. 87 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Difusão do Conhecimento. Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento. Universidade Federal da Bahia – UFBA. Salvador, 2018.

ABSTRACT

Vale do Pati is a local with specific characteristics that make it a unique tourist destination. This research, entitled “An Exploratory Journey Through Vale do Pati: A Study of Hosting in the Lodging”, aims to describe in detail this tourist destination located at the Chapada Diamantina National Park, in the Midwest of the State, from Bahia, Brazil, to build two proposals. The first one is a concept proposition of tourist reception under the eyes of the Vale do Pati local residents who receive tourists in their homes. The tourist reception is a little researched theme, whose main references are the brazilian author Biagio Avena and the french Gouirand. In the second axis, it is presented a proposal of digital application or website that can offer tourists systematized information about the research locus, as well as the available means of accommodation. As a methodological strategy, descriptive and exploratory research was used, and the methodological procedures involved survey, observation, coexistence, annotations, access monitoring and interviews. The results of the research point to the importance of special attention to the park management and its impacts on Vale do Pati, as well as the need to take care of local knowledge and its diffusion.

Keywords: Tourist welcome. Tourism. Chapada Diamantina (BA). Vale do Pati (Chapada Diamantina, BA). Tourist host.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	– Chapada Diamantina.....	50
Figura 02	– <i>Home Page</i>	71
Figura 03	– Página interna: O Vale do Pati, Como Chegar.....	72
Figura 04	– Página interna: Onde ficar.....	73
Figura 05	– Página interna: Onde ficar (II).....	73
Figura 06	– Página interna: Atrativos.....	74
Figura 07	– Página interna: Dicas – O que levar, Roteiros, acessos e contato.....	75

LISTA DE QUADROS

Quadro 01	– Buscas nas Bases de Dados.....	18
Quadro 02	– Cidades da Chapada Diamantina.....	21
Quadro 03	– Quantidade de leitos, colchões, área para camping e banheiros por hospedagem.....	52
Quadro 04	– Quantidade de ajudantes, como hospeda, preço da diária por hospedagem.....	54
Quadro 05	– Meio de hospedagem 1: Prefeitura, ou Casa de Jailson.....	56
Quadro 06	– Meio de hospedagem 2: Casa de D. Léa.....	57
Quadro 07	– Meio de hospedagem 3: Casa de Agnaldo.....	58
Quadro 08	– Meio de hospedagem 4: Casa de João Pereira.....	59
Quadro 09	– Meio de hospedagem 5: Casa de Dona Raquel Pereira.....	60
Quadro 10	– Meio de hospedagem 6: Casa de Sr. Eduardo Oliveira.....	61
Quadro 11	– Meio de hospedagem 7: Casa de Sr. Jóia (Edileuza Pereira e Miraldo Pereira)	62
Quadro 12	– Meio de hospedagem 8: Casa de Sr. Tonho (Antonio e Dagmar Oliveira)	63
Quadro 13	– Meio de hospedagem 9: Casa de João ou Igrejinha.....	64
Quadro 14	– Meio de hospedagem 10: Casa de Sr. Wilson.....	65
Quadro 15	– Meio de hospedagem 11: Casa de Dona Linda.....	66
Quadro 16	– Meio de hospedagem 12: Casa de André Pereira.....	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABETA	Associação Brasileira de Esportes e Turismo de Aventura
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACV- VC	Associação de Condutores do Vale do Capão
APA	Área de Preservação Ambiental
CNC	Conselho Nacional do Café
CV	Centro de Visitantes
DNC	Departamento Nacional do Café
EMTURSA	Empreendimentos Turísticos da Bahia S.A
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente
IBC	Instituto Brasileiro do Café
IBDF	Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal,
ICMBIO	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MCC	Movimento Criatividade Comunitária
MMA	Ministério do Meio Ambiente
PI	Posto de informação
PIC	Posto de Informação e Controle,
PNCD	Parque Nacional da Chapada Diamantina
Prodetur	Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Sisnama	Sistema Nacional do Meio Ambiente
TC	Termo de Compromisso

SUMÁRIO

1	CONVERSAS INICIAIS: IMAGINÁRIOS DE SEDUÇÃO, ITINERÁRIOS DE PESQUISA.....	12
1.1	O ESTUDO.....	14
1.2	DELINEAMENTO DO MÉTODO.....	14
1.3	O CAMPO.....	16
1.4	OS SUJEITOS.....	16
1.5	COLETA DE DADOS.....	17
1.6	ANÁLISE DE DADOS.....	17
1.7	RESULTADOS.....	17
2	ONDE ESTÁ O NOSSO DIAMANTE, O PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA?	20
2.1	CHAPADA DIAMANTINA.....	20
2.2	O CICLO DO OURO.....	22
2.3	O CICLO DO DIAMANTE.....	23
2.4	O CICLO DO TURISMO.....	27
2.5	O PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA.....	28
3	ACOLHIMENTO TURÍSTICO.....	38
3.1	NECESSIDADE DE ACOLHIMENTO.....	40
3.2	O TURISTA E O LOCAL DE ACOLHIMENTO.....	40
3.3	DESEJOS E EXPECTATIVAS DO CLIENTE.....	41
3.4	A CADEIA DO ACOLHIMENTO.....	43
3.5	O LOCAL DO ACOLHIMENTO.....	44
4	UM DIAMANTE A SER DESCOBERTO: VALE DO PATI – SABERES E SUA DIFUSÃO EM RELAÇÃO AO ACOLHIMENTO.....	45
4.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	45
4.2	ACESSOS.....	48
4.3	CARACTERIZAÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM	51
4.3.1	Um diamante formado por muitas joias raras: os patizeiros.....	55
4.4	PROPOSTA DE CONCEITO DE ACOLHIMENTO NO OLHAR DO PATIZEIRO.....	68
4.5	PROJETO DE APLICATIVO DIGITAL / SITE.....	71
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
	REFERÊNCIAS.....	79
	APÊNDICES.....	83

1 CONVERSAS INICIAIS: IMAGINÁRIOS DE SEDUÇÃO, ITINERÁRIOS DE PESQUISA

Sempre tive uma relação muito forte com o mar. Nasci em cidade portuária; cresci à beira da maré e, obviamente, nada mais natural do que amar e explorar o que sempre considerei a maior expressão da natureza e da existência de Deus. Desde sempre, idealizei viver perto do mar, usufruindo das suas múltiplas possibilidades. Hoje, continuo morando quase dentro da água salgada. Minha família tem uma rotina de atividades náuticas variadas.

Portanto, antes que alguém pergunte: “mas, o que um cara da água salgada perdeu no Parque Nacional da Chapada Diamantina?”, esclareço que sertão e mar são imaginários muito próximos, que se intercomplementam e que me constituem. Desde os tempos de criança, ao ouvir aquela “conversa” de que um dia o sertão já foi mar, nasceu em mim uma curiosidade enorme sobre a Chapada e, da curiosidade, vieram o encantamento e a paixão. Minhas primeiras idas à Chapada Diamantina não me surpreenderam, é verdade, pois, de certo modo, parecia que eu não havia encontrado ali a beleza que eu esperava – e aqui refiro-me, de modo mais específico, à beleza que encanta e seduz a alma, pois, esteticamente belo o local por si só já o é incontestavelmente.

Hoje, depois de ter estudado sobre *marketing* e turismo, percebo que me foi ofertado, naquela época, um produto “convencional” e, definitivamente, não era isso o que eu buscava. Entendo que tal oferta se dá frente à segmentação do perfil do público que visita a Chapada Diamantina – o que, inclusive, será abordado ao longo desse trabalho – contudo, a convencionalidade ofertada a todos não me satisfaz e, talvez, tenha sido esta a primeira semente de inquietude que fez germinar o trabalho que ora se apresenta. Logo na primeira visita ao Vale do Capão, minha percepção em relação à Chapada começou a se modificar. Percebi que existiam atrativos e atividades mais alternativas, que envolviam aventura, contato mais real e intenso com cenários naturais grandiosos e diversos. Percebi que, assim como no mar, na Chapada também é possível se conectar com o Arquiteto do Universo, de múltiplas formas. Me descobri, então, um sujeito do mar e do sertão. Minha família passou a ter a Chapada enquanto refúgio e como mais um local para reflexão e energização.

Diferente do turista tradicional, que visita apenas os roteiros vendidos pelas agências, a partir do modo não tradicional como ocorreu a viagem e a descoberta dos

atrativos locais, nasceu em mim uma vontade enorme de conhecer cada trilha, cada cachoeira, cada local da Chapada Diamantina. O meu grupo comprou um mapa e começamos a registrar todos os atrativos e locais visitados. O ano era 2008 e havia chegado o dia de conhecer um novo local e marcar mais um “X” no nosso mapa. Era a hora de começar a fazer o *trekking* do Vale do Pati. Tudo o que havia pesquisado sobre esse local era muito pouco para o que ele representa de verdade para quem vive a experiência de entrar por aquele vale. Aliás, a escassez de informações sobre o Pati foi mais um fator que me motivou à realização dessa pesquisa.

Ter a chance de poder caminhar por montanhas e longos gerais, para chegar ao Pati, local que não tinha e não tem ainda rede de luz elétrica, sinal de celular ou telefone fixo, “sem rádio e sem notícia das terras civilizadas”, como diz a canção do Rei do Baião, é uma vivência ímpar. Sobretudo porque, para além do interesse pela paisagem, os aspectos culturais e a forma de hospedagem traziam também muitas inquietações. Ficar hospedado na casa de moradores do vale e conviver com aquela comunidade era algo que me deixava extremamente ansioso. Como seria a dormida? E a comida? Será que conseguiríamos vencer os mais de 20 km de caminhada, saindo do Vale do Capão até chegar ao Pati? E a saída pela Vila do Guiné, com suas subidas e descidas indigestas? Será que teríamos condicionamento físico suficiente? Quais equipamentos para trilha deveríamos levar? Quais mantimentos carregar? Foram tantos questionamentos sem respostas!... Mas, a ansiedade de viver mais aquela experiência na Chapada Diamantina superou qualquer insegurança.

Agora, anos depois de estrear nessa trilha, posso assegurar que aquelas dúvidas passam a significar quase nada quando se vive o Vale do Pati. Não só pela inquestionável beleza do local, mas também pela recepção diferenciada e particular dos meios de hospedagem dessa localidade. Então, somente aí se descobre que aquele paraíso no meio do nada, na verdade, pode representar muitas simbologias, afetividades, culturas, fonte de renda e, primordialmente, a possibilidade de desenvolvimento da atividade turística de forma sustentável, responsável e ecológica. Das vivências iniciais na Chapada, aqui brevemente descritas, e dos muitos questionamentos adquiridos e observados ao longo da vida pessoal, acadêmica e profissional, nasce esta pesquisa.

1.1 O ESTUDO

“Uma viagem exploratória pelo Vale do Pati: estudo sobre o acolhimento nos meios de hospedagem” é resultado da pesquisa desenvolvida junto ao Programa de Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento, cujas inquietações/motivações surgiram, em larga medida, pelas vivências pessoais relatadas no tópico anterior. Dessa forma, procurou-se, com este estudo, atender ao seguinte questionamento: De que modo o acolhimento turístico nos meios locais de hospedagem no Vale do Pati relaciona-se às características históricas, sociais, econômicas e culturais dessa região?

Como objetivo geral, propõe-se descrever, de forma detalhada, o Vale do Pati, localizado no Parque Nacional da Chapada Diamantina, no centro-oeste do Estado da Bahia, Brasil. Por sua vez, enquanto objetivos específicos, pretende-se:

- elaborar um texto descritivo-explicativo sobre o *lócus* do estudo, considerando as variáveis social, econômica, política, cultural,
- propor um conceito de acolhimento turístico de acordo com o olhar de quem recebe o turista em suas casas, conhecido popularmente como patizeiro,
- desenvolver um projeto de aplicativo digital ou site, com informações turísticas sistematizadas, para ofertar conteúdo relevante e robusto para os interessados em conhecer o Vale do Pati.

1.2 DELINEAMENTO DO MÉTODO

A pesquisa foi orientada por questionamentos específicos, que nasceram de observações e inquietações do pesquisador, pois, sendo o Vale do Pati um local sem acesso à internet, sem escola formal, sem sinal de telefone ou TV, como é possível se hospedar em uma casa de patizeiro e ter atendimento com padrão de qualidade? Os habitantes do Vale do Pati que recebem turistas em suas casas conhecem e percebem a importância do acolhimento turístico? O fato de o Vale do Pati estar localizado dentro de um parque nacional traz algum impacto para o acolhimento turístico? A formação do grupo social que mora e recebe turistas no Vale do Pati sofreu influências sociais, econômicas e culturais do garimpo, assim como ocorreu em outras áreas da Chapada Diamantina?

Assim, considerando e reconhecendo que grande parte dos estudos realizados sobre o Vale do Pati é das áreas da biologia, geologia, ecologia e meio ambiente, foi importante construir um caminho metodológico específico que atendesse aos objetivos do presente estudo. Para isto, foi elaborada uma contextualização envolvendo questões culturais, históricas, econômicas, sob a forma de pesquisa exploratória e descritiva, baseando-se na tese da área de sociologia, da Dra. Senilde Alcântara Guanaes (2006), da Universidade Estadual de Campinas, intitulada “Meu quintal não é parque”, o que contribuiu de forma relevante para a construção dessa contextualização inicial. Da mesma forma, a produção científica de Brito (2005), estudioso da área de sociologia na Chapada Diamantina, foi fundamental nessa fase. Assim, a base da discussão na etapa inicial da pesquisa relaciona-se mais ao campo das ciências sociais.

O estudo envolve também um olhar pontual sob o Marco Legal que estabelece a criação do PNCD - Parque Nacional da Chapada Diamantina, temática relacionada às políticas ambientais mundiais. Mesmo não sendo este um estudo focado no campo jurídico, o entendimento do impacto do Marco Legal contribuiu de forma significativa para a construção de um novo saber. Por sua vez, o terceiro eixo fundamental estudado nesse trabalho é o conceito de acolhimento turístico, objeto de pesquisa do Dr. Biagio Mauricio Avena (2006; 2015). O caminho metodológico construído culmina com essa temática, abordagem que ancora a discussão central do trabalho realizado.

É importante frisar que esse tema é pouco estudado no Brasil, sendo Avena a principal referência nacional sobre acolhimento turístico no Brasil. O assunto é pauta científica na Europa, particularmente na França, sendo Gouirand o principal autor da área (AVENA, 2006). Obviamente, as discussões envolvendo o acolhimento turístico irão se centrar nessas duas referências. Durante a construção do trabalho, o pesquisador viveu uma temporada no Vale do Capão, localizado na cidade de Palmeiras, na Chapada Diamantina, ali residindo por 10 (dez) meses. A escolha do local foi fundamentada em dois fatos principais: Palmeiras é a cidade onde se localiza a sede do PNCD, e o Vale do Capão é um dos principais acessos ao Vale do Pati.

Ao todo, foram realizadas 5 (cinco) visitas ao Vale do Pati, nos meses de julho, setembro e dezembro de 2017 e fevereiro e setembro de 2018. Em todas as visitas de campo, o pesquisador se hospedou em casas dos habitantes do Vale do Pati e teve a oportunidade de observar e vivenciar o cotidiano do atendimento ao turista naquele local. Nessa etapa da pesquisa de campo, foram utilizadas, como

instrumentos metodológicos, a observação e a convivência, além de inúmeras anotações pertinentes. Outra ferramenta de coleta de dados utilizada para a construção desse estudo foram os monitoramentos de acesso ao Vale do Pati, realizados pela equipe do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, vinculado ao MMA – Ministério do Meio Ambiente.

Como o pesquisador fez visitas à sede da instituição no município de Palmeiras, interagindo com a equipe de gestão do PNCD, inclusive apresentando por duas oportunidades os achados desse trabalho de pesquisa, foi convidado a auxiliar no trabalho de montagem do instrumento de coleta de dados. Até então, esse levantamento se limitava a contabilizar os turistas na entrada e na saída das trilhas do Pati. A partir dos monitoramentos do réveillon 2017/2018 e carnaval de 2018, foram inseridos elementos para buscar entender as motivações, expectativas e percepções do turista que visita o local.

As observações durante as visitas ao objeto de estudo foram registradas como anotações, da mesma forma que todas as conversas informais com guias, condutores de visitantes e turistas, também foram registradas, o que gerou muitas informações preciosas. Ressalta-se, nessa perspectiva, em consonância a Geertz (1989), que a cultura se expõe também através de sinais, símbolos, gestos. Daí a importância do pesquisador se inserir no cenário do estudo, observar e anotar as suas percepções e vivências na localidade objeto de estudo.

1.3 O CAMPO

O objeto de estudo dessa pesquisa consiste nos meios de hospedagem do Vale do Pati – Chapada Diamantina – Bahia – Brasil. Mais especificamente, a partir dessa localidade, buscou-se observar o acolhimento turístico frente aos meios de hospedagem ofertados na região, sendo este o campo de pesquisa abrangido pelo presente estudo.

1.4 OS SUJEITOS

Constituem-se como sujeitos envolvidos na pesquisa, 12 (doze) moradores do Vale do Pati, que hospedam os turistas e visitantes em suas residências. Contudo, de

forma ampla, interferiu no resultado desse estudo também a observação dos sujeitos compreendidos como turistas que estiveram no *lócus* de estudo desta investigação.

1.5 COLETA DE DADOS

A coleta de dados se iniciou com um levantamento de dados secundários, tendo como base livros, teses e dissertações, artigos de periódicos, *sites* da internet, relatórios oficiais e outros documentos, como, também, pesquisa de campo, no próprio *lócus* da pesquisa, quando foram realizados encontros presenciais com os sujeitos do campo, de forma participante. Foi aplicada, ainda, uma entrevista semiestruturada, elaborada com base em questões norteadoras, realizada com todos os moradores do Vale do Pati que hospedam turistas em suas residências.

1.6 ANÁLISE DE DADOS

Os dados foram analisados qualitativamente, tendo como base as informações obtidas no levantamento das fontes secundárias, sendo os dados obtidos analisados a partir da realização da pesquisa de campo.

1.7 RESULTADOS

Os resultados da pesquisa são apresentados em formato de texto dissertativo, amparado por gráficos, tabelas e imagens, cuja base está assente em dois eixos principais. O primeiro eixo envolve uma pesquisa descritiva sobre o Vale do Pati, sob os pontos de vista histórico, social, econômico e cultural. É uma etapa fundamental para o trabalho, uma vez que os estudos encontrados nas bases de dados acadêmicos sobre o local são escassos. Além da escassez de dados, constata-se que a maioria dessas investigações se centraliza em áreas da biologia, ecologia, geografia e ou geologia. Dessa forma, uma pesquisa que ofereça informações contextualizadoras e aglutinadoras envolvendo o Vale do Pati no que concerne aos aspectos socioeconômicos, histórico-culturais e turísticos, somente pelo seu ineditismo, justifica a realização desse estudo.

Nas investigações realizadas nas bases de dados acadêmicos Scielo, Proquest e Banco de Teses & Dissertações da Capes, utilizando como termos de busca “Parque

Nacional da Chapada Diamantina” e “Vale do Pati”, foram encontradas as seguintes ocorrências, conforme apresentado no quadro a seguir:

Quadro 01 – Buscas nas Bases de Dados

Fonte	Busca	Data	Ocorrências
SciELO	Vale do Pati	05-11-18	Nenhuma
SciELO	Parque Nacional da Chapada Diamantina	05-11-18	7 (sete), sendo todas na área de biologia.
Banco Teses & Dissertações Capes	Vale do Pati	05-11-18	4 (quatro) dissertações, sendo 1 (uma) na área de antropologia, 1 (uma) na área de química, 1 (uma) em geociências e outra em química. O trabalho de geociências serviu para auxiliar na caracterização do PNCD.
Banco Teses & Dissertações Capes	Parque Nacional da Chapada Diamantina	05-11-18	41, sendo a maioria na área de geologia ou biologia. Porém, 8 (oito) trabalhos foram selecionados para leitura, por considerar a possibilidade de colaborar, de alguma forma, com a construção da tese.
Proquest	Vale do Pati	05-11-18	Nenhuma
Proquest	Parque Nacional da Chapada Diamantina	05-11-18	Nenhuma

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Alguns trabalhos encontrados nessas bases de dados, ainda que não pertencessem à área de ciências sociais aplicadas, foram analisados com o intuito de colaborar com a construção do referencial teórico sobre o PNCD, assim como sobre o Vale do Pati. Essa primeira etapa do trabalho foi, portanto, uma pesquisa exploratória, descritiva, para a qual foram utilizadas, fundamentalmente, fontes de dados secundários – bases de dados disponíveis na internet, biblioteca da sede do PNCD, localizada em Palmeiras – BA, relatórios, livros, artigos acadêmicos, dissertações e teses.

Os dados coletados nessa etapa do estudo foram apresentados nos capítulos 2 e 3 deste trabalho, considerando-se a presente introdução enquanto capítulo

introdutório. Vale reforçar que, para ter maior interação com o objeto de pesquisa, o autor residiu por quase um ano no entorno do PNCD, permitindo maior facilidade de acesso ao local da pesquisa, assim como vivenciar e observar, de forma mais próxima, o cotidiano da região estudada.

Já no segundo eixo, relacionado ao acolhimento turístico, foi desenvolvida uma discussão sobre o acolhimento nos meios de hospedagem no Vale do Pati, suas características e especificidades, considerando as restrições impostas pela gestão do PNCD, além das dificuldades no acesso de turistas, de insumos e de informações. O PNCD é administrado pelo ICMBIO – Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, vinculado ao MMA – Ministério do Meio Ambiente, e integra o Sisnama- Sistema Nacional do Meio Ambiente.

Com o intuito de discutir a difusão do conhecimento, no que se refere ao acolhimento turístico, nessa etapa, foram descritos e analisados todos os domicílios que hospedam turistas no Vale do Pati (12 [doze] no total). A partir da análise dessas informações, foi apresentada uma proposta de conceito de acolhimento, sob o olhar do patizeiro. Para desenvolvimento dessa etapa, foram realizadas entrevistas com os moradores do Pati que hospedam turistas em suas casas. Foi utilizado instrumento de coleta de dados semiestruturado, contendo questões norteadoras, conforme documento apresentado no apêndice A, a partir da autorização expressa pelos entrevistados (Apêndice C).

Esse segundo momento da pesquisa se caracterizou, também, como um estudo exploratório, descritivo, de natureza qualitativa, fundamentado em fontes de dados primários, obtidos a partir do estudo de campo, com os proprietários dos meios de hospedagem, moradores do Vale em estudo. Utilizando um instrumento de coleta de dados específico, apresentado no apêndice B, foi feito também um inventário nos meios de hospedagem do Vale do Pati, com o intuito de descrever a estrutura de cada um deles. Os resultados obtidos são apresentados no penúltimo capítulo, e permitiram a elaboração da proposta de aplicativo digital / *site* com informações turísticas sobre o Vale do Pati, suas características, estrutura e dicas de viagem.

2 ONDE ESTÁ O NOSSO DIAMANTE, O PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA?

O *locus* de estudo desse trabalho é o Vale do Pati, um destino turístico localizado na Chapada Diamantina, na região central da Bahia. Algo que definitivamente marca esse local é o fato de estar totalmente inserido no PNCD, possuidor de um marco legal que impõe restrições de variadas naturezas, questão que será discutida e detalhada em momento posterior desse trabalho.

Para melhor entender a integralidade e a pluralidade da Chapada Diamantina, é fundamental analisar a formação daquela região, sob os aspectos históricos, geográficos, culturais, sociais, econômicos. Por isso, foi construído um trabalho caracterizado como cartografia social, utilizando fontes de dados secundários – arquivos disponíveis na internet, livros, teses e dissertações, artigos, documentários para descrever o *locus* de estudo. Essa construção é importante no intuito de criar uma contextualização que permite o entendimento do cotidiano no Vale do Pati, do papel da atividade turística naquela comunidade.

Como o Vale do Pati está inserido em um parque nacional que, por sua vez, faz parte de uma grande área geográfica, denominada Chapada Diamantina, a pesquisa se iniciou com a caracterização desse espaço, passando, posteriormente, a descrever o parque e seu processo de criação, até alcançar o *locus* de estudo. Percorrer essa trajetória é fundamental para o entendimento do contexto local, assim como das características muito particulares que envolvem os meios de hospedagem e o acolhimento dentro do Vale do Pati, uma vez que a proposta dessa pesquisa é discutir a forma como o conhecimento se difunde entre os proprietários dos meios de hospedagem, no que se refere ao acolhimento.

2.1 CHAPADA DIAMANTINA

A Chapada Diamantina é uma área localizada na região central do estado da Bahia, descrita por Pires, como:

[...] uma região serrana, localizada no prolongamento da Cordilheira do Espinhaço, que se estende da Bahia a Minas Gerais, onde, há 500 milhões de anos, ocorreu uma intensa erosão eólica e hidrográfica, presenteando a região com morros de formas inusitadas que hoje compõem seu principal cartão postal. Apesar de possuir clima semiárido,

a Chapada Diamantina se apresenta relativamente sem secas e, em seu conjunto de serras suntuosas, são resguardadas inúmeras nascentes que contribuíram para a formação de, pelo menos, 300 cachoeiras até hoje catalogadas (Pires, 2014).

De acordo com a SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, o Território de Identidade da Chapada Diamantina é composto por 24 municípios, que ocupam 41.756,1 km². A relação das cidades componentes da Chapada Diamantina, segundo a SEI (2013), encontra-se no quadro que segue.

Quadro 02 – Cidades da Chapada Diamantina

Cidades		
Abaíra	Iraquara	Novo Horizonte
Andaraí	Itaetê	Palmeiras
Barra da Estiva	Jussiape	Piatã
Boninal	Lençóis	Rio de Contas
Bonito	Marcionílio Souza	Seabra
Ibicoara	Morro do Chapéu	Souto Soares
Ibitiara	Mucugê	Utinga
Iramaia	Nova Redenção	Wagner

Fonte: SEI – Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, 2013.

No Portal da Cidadania, do Governo Federal, a informação encontrada, no entanto, é divergente. Conforme esse órgão, a Chapada Diamantina é também composta por 24 municípios, ocupando uma área de 30.921 km². Contudo, segundo o Governo Federal, os municípios da Chapada são: Abaíra, Andaraí, Barra da Estiva, Boninal, Bonito, Ibicoara, Ibitiara, Iraquara, Itaetê, Jussiape, Lençóis, Marcionílio Souza, Morro do Chapéu, Mucugê, Nova Redenção, Novo Horizonte, Palmeiras, Piatã, Rio de Contas, Seabra, Souto Soares, Tapiramutá, Utinga e Wagner. Num comparativo entre as informações, observa-se que a SEI aponta Iramaia como pertencente à região e, por sua vez, para integrar a região, o Governo Federal traz a cidade de Tapiramutá.

Fica evidente que a inconsistência da informação, nas variadas fontes, aponta para um descaso em todas as esferas governamentais, visto que os poderes públicos locais também não se mobilizam articuladamente, de forma a fortalecer a identidade e os limites dos territórios dessa importante região. Obviamente, essa falta de cuidado

se reflete, igualmente, no modo de tratar o turismo, como principal vetor de desenvolvimento local.

Apesar da questão geopolítica mal resolvida, a Chapada Diamantina vem se firmando como um destino turístico relevante para a economia local, graças aos recursos e atrativos naturais. O passado garimpeiro e as riquezas geradas por essa atividade econômica, aliadas ao acervo natural da região e suas características climáticas, bem como culturais, criaram um contexto bastante favorável e que reforça a vocação turística do local. Contudo, a história de ocupação da Chapada está relacionada a fatos que antecedem ao turismo e, até mesmo, ao garimpo de diamantes. A região teve sua configuração social e econômica dividida em ciclos (BRITO, 2005), conforme analisa-se a seguir.

2.2 O CICLO DO OURO

A Chapada Diamantina teve três momentos de ocupação e exploração muito bem definidos historicamente. O primeiro deles, relativo à exploração do ouro, está ligado diretamente às recomendações feitas pelo rei D. João III a Tomé de Souza, em 1549. Conforme Teixeira e Linsker (2005), o rei estabeleceu que seus comandados desbravassem, dominassem e povoassem territórios do interior do país, até então, ocupados apenas por índios, os verdadeiros nativos daquelas terras. Iniciava-se, assim, a corrida pela conquista do espaço geográfico e, obviamente, a busca por riquezas naturais passou a ser importante fator motivador para avançar pelo sertão.

A Chapada Diamantina não possuía ocupação significativa até meados do século XVII, apesar de já existirem, em seu entorno, algumas propriedades e comunidades ligadas à pecuária. Apenas no início do século XVIII, com a descoberta do ouro naquela região, se iniciou o processo massivo de povoamento local. As primeiras descobertas foram registradas na Chapada Norte, na região de Jacobina; porém, o comando português que ordenou a ocupação e povoamento de regiões interioranas, naquele momento, proibiu a mineração para não impactar no processo de ocupação e domínio do território de Minas Gerais, que acontecia de forma simultânea, e era considerado politicamente estratégico para a coroa.

Devido às dificuldades de fiscalização, a mineração clandestina na Chapada se estabeleceu de forma acelerada, forçando o Governo Português a prescindir de sua decisão e decretar, como livre, a mineração, em 1720, desde que fossem pagas as

devidas taxas (o famoso “quinto”, que deu origem ao conhecido dito popular, “quinto dos infernos”), conforme explicitam Teixeira e Linsker (2005). Estes relatam ainda, que, praticamente na mesma época, na Chapada Sul, foi descoberto ouro no rio de Contas Pequeno (atual rio Brumado), originando o primeiro povoado daquela região, no local da atual cidade de Rio de Contas. Esses dois polos de exploração do ouro permitiram avançar na conquista do sertão. A procura por mais minério, naturalmente, fez surgir novos povoados na área da Chapada.

Em 1726, a extração do ouro teve tanta importância econômica que o Conselho Ultramarino mandou erguer duas Casas de Fundição, uma em Jacobina e outra em Rio de Contas. Apesar do contrabando descontrolado, em 1747/48, a extração do ouro na Chapada registrava recordes de produtividade. Boa parte desse ouro foi usada para ornamentar as várias igrejas construídas em Salvador durante aquele século.

Porém, ainda de acordo com Teixeira e Linsker (2005), a produção de ouro da Chapada Diamantina entrou em decadência no final do século XVIII, em decorrência da escassez do minério. A crise foi inevitável e, já nos primeiros anos do século XIX, a atividade de extração de ouro continuou a ser praticada, porém, apenas por um pequeno número de garimpeiros. A região sofreu, então, o seu primeiro grande esvaziamento populacional, de tal forma que, em 1818, restavam, no local, apenas alguns roceiros, criadores de gado e caçadores (SPIX; MARTIUS, 1981).

2.3 O CICLO DO DIAMANTE

Ainda na primeira metade do século XIX, foram descobertos grandes depósitos de diamante no leito do rio Mucugê, o que motivou novo fluxo de ocupação para a chapada. O local viveu a sua fase mais rica e abundante, e, a partir daí, passou a ser chamado de Chapada Diamantina (LEAL, 1978). Segundo Pereira (1910), os primeiros registros de diamantes na região ocorreram entre 1838 e 1842, no Gentio do Ouro, em Santo Inácio, em Morro do Chapéu e na Chapada Velha (atual Município de Brotas de Macaúbas).

Teixeira e Linsker (2005) apontam que, em 1844, também, em Mucugê (antigo Povoado São João do Paraguaçu), na Serra do Sincorá, foram descobertas jazidas de diamantes, pelo tropeiro José Pereira do Prado, da cidade de Piatã. Os diamantes e o sonho da riqueza motivaram a migração de grandes volumes populacionais para aquelas localidades. Logo depois das descobertas, entre 1844 e 1848, a região registrou um

contingente de cerca de 50.000 pessoas, em sua maioria, oriunda das Chapadas Norte e Sul, além do recôncavo da Bahia e de Minas Gerais (PEREIRA, 1910).

Nessa primeira metade do século XIX, a invasão de garimpeiros e comerciantes criou cenários urbanos desenvolvidos e de grande dinâmica social e econômica na Chapada Diamantina. O garimpo e o comércio da pedra preciosa, iniciado em Mucugê (antigo Povoado São João do Paraguaçu), rapidamente se expandiu pela região. Foram nascendo outras vilas e cidades como Igatu, Andaraí, Palmeiras, Lençóis. (SENAC, 2013).

Um pouco mais tarde, em 1845, foram descobertas mais jazidas na chapada, nos rios São José e Lençóis, acelerando, assim, o processo de povoamento e desenvolvimento da região. O povoado de Lençóis, fundado no mesmo ano, passou a ser distrito do Município de Santa Izabel do Paraguaçu (hoje, Mucugê) em 1852. Em 1857, Lençóis foi instituída como sede da Repartição dos Terrenos Diamantinos, órgão que tratava dos interesses fiscais do Governo naquela região, a qual foi denominada Lavras Diamantinas. Em 1864, tornou-se cidade. O rápido avanço, logicamente, foi possível devido à enorme importância do manancial de minério de suas jazidas (PEREIRA, 1910).

Conforme aponta Moraes (1973), a configuração da sociedade local era formada por capangueiros (importantes negociantes de diamantes), donos de terras e de garimpos, pequenos comerciantes dos diamantes e artesãos. Mas, o maior volume populacional era de garimpeiros. De forma geral, estes ingressavam nessa atividade visando riqueza rápida e, conseqüentemente, ascensão social, apesar de representarem um contingente de pessoas sem qualificação técnica e, de certa forma, marginalizados. Conforme o autor, o garimpeiro brasileiro tem suas origens na metade do século XVIII, em Minas Gerais, podendo ser comprovado o nível de marginalização da categoria, formada, fundamentalmente, por mestiços, escravos alforriados, pessoas sem condições econômicas e sem escravos, além daqueles que não encontravam emprego.

Na formação da população garimpeira da Chapada Diamantina, a história se repetiu. Em seus locais de origem, os garimpeiros da Serra do Sincorá, de forma geral, viviam precariamente, sem terras, sem dinheiro, desempregados. Ao chegarem aos garimpos, a vida marginalizada da grande maioria continuou a prevalecer. Os poucos que obtiveram sucesso na atividade, por deslumbramento, não tiveram estrutura para manter a riqueza alcançada. Ainda assim, a Chapada Diamantina viveu períodos de riqueza abundante devido ao garimpo de diamantes. Foram momentos acompanhados de muita movimentação cultural e econômica.

O poder econômico da região era tanto, que as influências europeias se evidenciavam em várias situações. Segundo o SENAC-DN (2013), o poderio econômico da cidade de Lençóis chegou a originar uma sociedade tradicional e aristocrática que se empenhava em:

[...] criar e manter um status próximo aos da sociedade europeia, com atos curiosos e caricatos, como o ocorrido nos festejos da Proclamação da República, em 1889, quando, na maior praça da cidade, soldados, pedristas, capangueiros e garimpeiros entoaram a *La Marsellaise*, hino da França, em vez do hino nacional (SENAC-DN, 2013).

Senna (1984) reforça a ideia da formação de uma poderosa aristocracia do diamante, totalmente descaracterizada e influenciada por padrões estrangeiros. O pesquisador, em seus estudos, analisa que:

O acúmulo de riqueza nas mãos desse grupo fechadíssimo, no que se refere ao comportamento societário, permitiu-lhes uma vida fabulosa, de luxo e ostentação, possivelmente chegando às raias do ridículo, mesmo para os valores da época. Criam verdadeiras cópias miniaturizadas de salões imperiais e conseguiram, a troco de dinheiro e brilhante, títulos de nobiliárquicos e, muitas vezes, brasões de família registrados nos cartórios do império (SENNA, 1984, p. 31).⁷⁷⁷

Entre 1860 e 1870, contudo, a produção crescente de diamantes na África do Sul impactou negativamente no mercado da pedra preciosa na Chapada Diamantina, levando os comerciantes locais a passarem por enormes dificuldades. A atividade garimpeira, em Lençóis, foi afetada pela concorrência estrangeira e os garimpos foram quase todos abandonados (PEREIRA, 1937). O garimpo na região, entretanto, ainda viveu um momento de pequeno crescimento, a partir de 1883, com a extração do carbonado, diamante negro empregado na perfuração de rochas.

Naquela época, este produto somente era encontrado na área da Chapada Diamantina (PEREIRA, 1907; 1910). A extração do diamante negro iniciou a sua fase de decadência em 1900, mas a produção limitada, aliada a uma demanda elevada, permitiram o aumento dos preços até o período da Primeira Grande Guerra Mundial. Porém, com o surgimento de novos produtos industriais que passaram a substituir o carbonado, a mineração sofreu nova queda na área da chapada. A partir de 1917, os moradores e exploradores da região iniciaram uma retirada em massa para "[...] os sertões, para o Estado de São Paulo, para as obras de barragem do rio Paraguaçu e para o Estado do Paraná, onde foram descobertas minas de diamantes, no rio Tibagi"

(PEREIRA, 1940), a fim de encontrarem novos territórios que pudessem garantir-lhes a subsistência necessária para a vida familiar, proporcionando-lhes trabalho, sustento e melhores condições de vida.

Economicamente, todavia, o diamante ainda permaneceu como produto principal da Chapada Diamantina até o início do século XX. Em 1920, de acordo com informações do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Lençóis tinha um contingente de 1.651 garimpeiros, o que representava 21% da população da cidade (7.789 habitantes) e quase metade da população economicamente ativa, o que correspondia a 45,5% (BRASIL, 1930). Na medida em que a exploração manual do diamante declinou, associada à falta de oportunidades de trabalho na região, as famílias começaram a abandonar a chapada também, não mais apenas os garimpeiros estavam indo embora. Para se ter uma ideia da decadência da localidade, em 1900, a cidade de Lençóis possuía 22.230 habitantes (PEREIRA, 1910), mas, em 1980, conforme dados do IBGE, apenas 5.640 pessoas moravam no município (BRASIL/IBGE, 1980).

Com a criação do PNCD em 1985, fato abordado mais adiante, o garimpo manual foi praticamente extinto na Chapada Diamantina. A produção limitada não era mais tão atraente e atividades como agricultura e pecuária passaram a sustentar a maior parte dos antigos garimpeiros da região (GANEM, 2001). Nesse sentido, destaca-se, sobretudo, a cafeicultura na região, temática pouco presente na literatura descritiva do território, e que interessa sobremaneira a este estudo em razão de ter sido uma atividade de fundamental importância para a formação social do Vale do Pati e de localidades vizinhas. Cumpre observar, entretanto, que hoje, a atividade cafeeira está novamente muito presente neste território, sendo uma fonte de renda relevante para a economia local, frente às oportunidades que a região oferece.

Houve algumas tentativas de se implementar a extração de diamantes de forma mecanizada na Chapada Diamantina, porém, por questões de baixa produtividade das jazidas, os esforços terminaram por fracassar. Em 1926, fundou-se a Companhia Brasileira de Exploração Diamantina, com a finalidade de explorar jazidas no Rio Paraguaçu, em Andaraí. A iniciativa não foi à frente. Na década de 1970, foi criada a PARADISA (Diamantes Paraguaçu), com o objetivo de explorar os veios dos rios Santo Antônio e Paraguaçu. O empreendimento degradou essa região por alguns anos, até que, em 1996, o garimpo mecanizado foi definitivamente proibido devido aos rigorosos impactos ambientais gerados pela atividade extrativista (TEIXEIRA; LINSKER, 2005).

2.4 O CICLO DO TURISMO

O tombamento de Lençóis como Monumento Histórico Nacional, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 1973, é o momento em que a Chapada Diamantina se atenta, de modo mais formal, para o mercado turístico, enquanto possibilidade de atividade que possa ser rentável à região. Contudo, a atividade turística passa a se desenvolver e se expandir somente a partir de 1980. Nesse mesmo ano, Mucugê e Rio de Contas também foram tombadas enquanto monumento histórico (TEIXEIRA; LINSKER, 2005), o que fortalece a região em termos de valorização dos recursos naturais para futuro fomento de políticas públicas voltadas ao turismo.

Brito (2005) relata que, no início dos anos de 1970, foi elaborado o 1º Plano de Turismo do Recôncavo – PRT. O documento era um embrião de um esforço do Governo do Estado para descentralizar o turismo de Salvador. Porém, somente em 1974, o estado direcionou seus esforços para interiorizar o turismo visando à região da Chapada Diamantina. Uma equipe técnica da Coordenação de Fomento ao Turismo da Bahiaturisa foi designada para realizar um diagnóstico, produzindo o documento “Chapada Diamantina, uma avaliação prévia para implantação do turismo nos municípios de Lençóis, Andaraí e Mucugê” (BRITO, 2005). Este relatório analisou as atividades econômicas das três cidades, além de produzir um acervo fotográfico dos municípios, seus artesanatos, manifestações culturais e construções.

De acordo com Brito (2005):

Na segunda metade dos anos 70, este objetivo governamental não só é reafirmado, como também ampliado para outras áreas da Bahia. Para concretizá-lo, o Governo do Estado criou, em 1976, a Empreendimentos Turísticos da Bahia S.A – EMTUR, como órgão de apoio à Bahiaturisa, que teria como incumbência a implementação do processo de interiorização do turismo, sobretudo, através da construção de meios de hospedagem que seriam repassados à iniciativa privada, a qual os exploraria mediante contrato de arrendamento por um período de 4 anos, cuja renovação a ser realizada pela EMTUR, estava condicionada ao desempenho do arrendatário neste período.

Portanto, o Governo da Bahia dava sinais concretos de que existia, na época, um interesse real em fomentar a atividade turística no interior do Estado, inclusive na região da Chapada. Certamente, a inauguração do Aeroporto de Lençóis, nos anos 1990, não apenas foi um marco para o desenvolvimento local, como também pode ser entendido enquanto sinal desse incentivo ao turismo, criando expectativas positivas para a

atividade turística, tendo em vista a permissão de pouso e decolagem de aeronaves de grande porte de linhas comerciais. Atualmente, o aeroporto recebe apenas voos regulares para Salvador (dois por semana, quintas e domingos, na baixa estação e quatro por semana na alta estação). Até 2016, o aeroporto recebia, também, um voo de São Paulo, o que foi desativado, encontrando-se, ainda, sem previsão de restabelecimento da operação.

A partir da década de 1990, a Chapada começou a ser conhecida e desejada como destino turístico. Grande volume de visitantes oriundos do Sudeste, além de estrangeiros, chegou à Chapada Diamantina por meio de pacotes de viagem vendidos em seus locais de origem. A grande mídia, tal qual os veículos especializados, iniciou a exploração e divulgação daquela região de forma mais intensa. Em 2006, o Guia Quatro Rodas incluiu a Chapada Diamantina entre os roteiros do "Brasil Imperdível", o que impulsionou o fluxo turístico para a região, cuja percepção, à época, já se apresentava como sendo de um roteiro de grandes potencialidades para o desenvolvimento de um turismo ecológico e sustentável.

2.5 O PARQUE NACIONAL DA CHAPADA DIAMANTINA

A vocação turística do território da Chapada Diamantina sempre ficou evidente, ainda que inicialmente não tenha sido considerada. Entretanto, a partir do tombamento de Lençóis, esse vocativo foi potencializado e a cidade iniciou, então, um processo de reconfiguração para atender a essa demanda turística. Visitantes do mundo inteiro passaram a conhecer e apreciar Lençóis, não somente aqueles oriundos de um fluxo brasileiro e/ou regional.

Pela exuberância da natureza e em função do estilo de vida mais natural propiciado pelo território, houve uma natural adesão de muitos visitantes interessados em morar na região. Muitos estrangeiros, inclusive, os quais viram ali também boas oportunidades de negócios. Alguns desses turistas e novos moradores da chapada tiveram papel fundamental no tombamento de Lençóis, assim como na criação do PNCD. Dentre estes, destacam-se três, considerados fundamentais para marcos importantes e definitivos no processo de estruturação do turismo local: David Blackburn, Steve Horman e Roy Funch.

Importante ressaltar que se trata de pessoas voluntárias de uma organização norte-americana chamada *Peace Corps* (Corpos da Paz), ligada ao Programa Aliança

para o Progresso, que vislumbrava a união dos países da América, a partir de projetos assistencialistas e comunitários. O *Peace Corps* reunia jovens americanos, entre 20 e 30 anos, motivados pelo espírito “Paz e Amor” propagado nos anos 1960 e 1970, que, a partir do voluntariado, buscavam ajudar os países considerados pobres. A ida dos voluntários do *Peace Corps* para Lençóis foi a pedido do prefeito da cidade, naquela época, Olímpio Barbosa Filho, responsável pela inscrição da cidade no programa (BRITO, 2005).

O primeiro voluntário da *Peace Corps* apresentado nesse trabalho é David Blackburn, conhecido e tratado na região da Chapada como Davi. É bom apontar que o *Peace Corps* orientava seus voluntários a adotarem nomes locais, por entender que isso auxiliava no processo de integração com a comunidade assistida. Este jovem nasceu em Los Angeles, se graduou em Sociologia e, no Brasil, direcionou sua atuação para o desenvolvimento local, envolvendo as áreas de saúde, educação e atividades econômicas alternativas. Contudo, como participava também de ações preservacionistas, Davi realizou atividades de pesquisa envolvendo fauna e flora da Chapada, levantou pontos com potencial atrativo no entorno de Lençóis e passou a trabalhar na proposição da criação de um parque nacional.

Segundo garimpeiros e moradores mais antigos de Lençóis, Davi foi a primeira pessoa a falar em criar um parque nacional na Chapada. Ele andava pelas serras da região de Lençóis por longos períodos, o que possibilitou que se tornasse um dos grandes conhecedores da Serra do Sincorá. Contudo, o projeto de criação do parque nacional pensado pelo voluntário, não saiu do papel. Davi se casou com uma lençoense, e, após algumas questões particulares, mudou-se com toda a família para a capital. Segundo relatos, ele defendia que o turismo seria o único caminho para a ascensão de Lençóis.

Outro personagem importante, que teve papel marcante na região da Chapada Diamantina, foi o voluntário Steve Horman, conhecido na região como Estevão. Ele chegou a Lençóis no início dos anos 1970, vindo de Marshall, Estado de Missouri/US. Estevão conseguiu mobilizar a comunidade a partir da implementação do Movimento Criatividade Comunitária – MCC, que pretendia prestar serviços e melhorias em Lençóis, utilizando ações práticas e criativas. O trabalho implantado por Estevão, baseado na criatividade, elevou a autoestima da comunidade de Lençóis, conseguindo viabilizar avanços importantes em áreas como saúde, infraestrutura, educação e geração de renda. Um dos segmentos de atuação do MCC, capitaneado por este voluntário, foi o

turismo. Ele elaborou o projeto de desenvolvimento turístico de Lençóis, tendo como premissa o tombamento do conjunto arquitetônico da cidade.

O turismo se desenhou como uma alternativa que fosse fonte de renda para Lençóis, associado ao fato da comunidade se mobilizar visando o tombamento da cidade. Paralelo a essa conjuntura, o Governo da Bahia projetou a descentralização do turismo da capital, visando atingir o público internacional, que já sinalizava interesses reais na Chapada como destino, assim como dinamizou a economia do Estado, canalizando recursos para o interior. Em 1978, a primeira pousada foi inaugurada em Lençóis, com incentivo da política implementada pelo governo da Bahia. Nesse mesmo período, Estevão finalizava a sua atuação em Lençóis, enquanto chegava à Chapada Diamantina Roy Funch, o terceiro personagem da *Peace Corps*.

Rui, como passou a ser chamado, de forma muito rápida, se tornou profundo conhecedor da região. Ele também caminhava pelas serras e interagiu com os velhos garimpeiros. Trocava experiências, ensinava sobre botânica e visualizava a criação do parque nacional, com objetivos preservacionistas e econômicos. Juntamente com os garimpeiros mais velhos, Rui era constantemente convocado para guiar turistas e políticos influentes. Através do seu trabalho, guiando esses agentes políticos, Rui foi disseminando a ideia de implementação do parque. Enfim, em 1983 o então Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF, atualmente Instituto Brasileiro de Meio Ambiente – IBAMA, enviou técnicos para a Chapada Diamantina com o objetivo de validar as informações prestadas por Rui.

O resultado do reconhecimento modificou severamente a proposta inicial de demarcação do parque, que ia da BR-242 até a cidade de Mucugê, sobretudo em razão de os técnicos terem decidido, após a visita, fazerem um sobrevoo pela região, o que influenciou diretamente na percepção da área que deveria ser demarcada. O parque dobrou de tamanho, alcançando terras pertencentes ao município de Ibicoara (FUNCH; HARLEY; FUNCH, 2004). Em 1985, o prefeito de Lençóis, Emmanuel Calmon Maciel, criou a Secretaria de Turismo e o Governo Federal instituiu o Parque Nacional da Chapada Diamantina. Alguns anos mais tarde, Roy Funch foi nomeado Secretário de Meio Ambiente (FUNCH; HARLEY; FUNCH, 2004).

Idealizada em 1982, a partir de laudos que validavam o potencial de recursos naturais da região, somente em 1985 foi oficializada a criação do PNCD, por meio do Decreto nº 91.655 de 17 de setembro:

Art. 1º: Fica criado, no Estado da Bahia, o Parque Nacional da Chapada Diamantina, com o objetivo de proteger amostra dos ecossistemas da Serra do Sincorá, na Chapada Diamantina, assegurando a preservação de seus recursos naturais e proporcionando oportunidades controladas para uso pelo público, educação, pesquisa científica e também contribuindo para a preservação de sítios e estruturas de interesse histórico-cultural existentes na área (BRASIL, 1985).

No PNCD, estão os pontos mais elevados da Serra do Sincorá. Próximo à localidade denominada Vila de Guiné, situada na parte oeste do parque, encontra-se um ponto que atinge 1700 metros acima do nível do mar. Esta é a faixa com maior índice pluviométrico da Chapada Diamantina. Muitas espécies raras e endêmicas de animais e plantas vivem no PNCD, algumas delas ainda sem catalogação. Existe uma série de cavernas com pinturas rupestres no interior do PNCD, acervo extremamente rico e que demanda cuidados na sua preservação. Isto reforça a necessidade de um cuidado ainda maior com a preservação e gestão do parque, sem contar que as riquezas naturais têm grande potencial gerador de desenvolvimento para todas as cidades e locais que se encontram no entorno do parque.

O PNCD engloba seis localidades, que formam as zonas de amortecimento (cidades que se localizam no entorno do parque) e oito áreas consideradas internas, apesar de serem parcialmente inseridas no perímetro do Parque (exceto o Vale do Pati, que é totalmente inserido nos limites do parque). Andaraí e Lençóis estão ao leste da serra, um pouco fora dos limites do parque, enquanto Mucugê é quase toda inserida em tais limites. Palmeiras (cidade onde está instalada a sede do PNCD), Itaetê e Ibicoara são as demais cidades do entorno da reserva. Destaca-se ainda que as oito comunidades existentes dentro do PNCD, todas de núcleos agrícolas, são: Poném e Toalhas no município de Lençóis; Estrada Velha do Garimpo, nos municípios de Lençóis e Andaraí; Fazenda Velha, no município de Andaraí; Pati, nos municípios de Andaraí e Mucugê; São Pedro e Capão do Correia, no município de Mucugê; e Baixão, no município de Ibicoara.

Apesar de a legislação estabelecer a proibição de fixar residência ou se ter atividade produtiva em áreas de preservação pertencentes a parques nacionais, a implantação do PNCD se deu após a chegada dessas comunidades. Inclusive, a tensão criada pela formalização do PNCD foi e ainda é bastante presente na comunidade residente no Vale do Pati. Assim, é possível encontrar algumas roças isoladas e casas de garimpeiros espalhadas pelo parque, em regiões como o alto da Serra do Sincorá e

na zona do Marimbus, um ecossistema localizado no povoado de Remanso (município de Lençóis). Essa área ficou fora do PNCD, pelo fato de abrigar uma comunidade quilombola remanescente, possuidora de direitos adquiridos depois da Constituição de 1988. Anos mais tarde, Marimbus passou a integrar a Área de Preservação Ambiental – APA estadual “Marimbus-Iraquara”. Essa APA, instituída pelo Decreto Estadual 2.216, de 14 de junho de 1993, foi efetivada e possui plano de manejo próprio, tendo o Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia – PRODETUR como parceiro. A Bahiatursa administra a APA, que tem sede nas cidades de Andaraí, Lençóis, Iraquara, Seabra e Palmeiras.

Um ponto curioso, porém, definitivo para justificar a criação do PNCD, não se encontra na região da Chapada e, sim, na capital baiana. Talvez, isto explique, parcialmente, a falta de cuidado com a gestão do parque e a falta de interesse em implementar uma política mais efetiva de desenvolvimento local. No primeiro projeto de criação do PNCD enviado ao IBAMA, a criação do parque se justificava, inicialmente, pelo fato de todo o abastecimento de água da Região Metropolitana de Salvador depender do rio Paraguaçu, que nasce na Chapada Diamantina. Funch (1982), autor do projeto, arremata o seu documento dizendo que “[...] não se pode esquecer que essa é uma área de grande beleza natural, com seus rios cristalinos, picos verdejantes, cachoeiras, paredões de pedra e vales escondidos”, demonstrando, assim, que as riquezas naturais e inúmeras possibilidades de desenvolvimento local são apenas coadjuvantes no processo de criação do PNCD.

De acordo com o Plano de Manejo do PNCD (BRASIL, 2007), 150 famílias residem dentro dos limites do parque, algumas delas há mais de 150 anos. Em 1998, o Conselho Consultivo do PNCD acompanhou um levantamento fundiário, que estimou entre 1400 e 1500 residentes dentro do parque. Uma questão que chama a atenção em relação ao PNCD está fortemente associada à gestão do seu território. O Plano de Manejo do parque (publicado em 2007, ou seja, 22 anos após o decreto regulamentar a criação da reserva), diz que “[...] até o momento, o PNCD não contava com nenhum instrumento de planejamento, sendo o presente Plano de Manejo o seu primeiro” (BRASIL, 2007).

Certamente, esse fato denota a falta de zelo e de atenção dos gestores públicos com um recurso tão importante como o PNCD. O descaso em relação ao gerenciamento das zonas pertencentes ao PNCD é evidente, como é possível observar a partir do não cumprimento daquilo que está estabelecido no próprio documento, a exemplo do item

4.6 do Plano de Manejo do PNCD, em cuja normativa estão listadas as Normas Gerais do parque. Logo no primeiro tópico, o documento apresenta uma questão curiosa:

O Parque é aberto para o acesso à visitação pública durante todos os dias da semana, das 8:00h às 18:00h (sic), ressalvadas as atividades excepcionais indicadas nesse Plano de Manejo. Casos de fechamento eventual de áreas serão avisados com antecedência ao público externo (BRASIL, 2007).

No entanto, não existe nenhuma estrutura ou metodologia de controle de acesso ao parque, sendo, portanto, impossível autorizar ou impedir a visitação. Outra norma constante do Plano de Manejo (2007), que também apresenta contradições, é a que define que “[...] Deverão ser erradicadas as espécies exóticas e invasoras encontradas, dando-se prioridade àquelas definidas em estudos específicos”. Observa-se, entretanto, que, nas sucessivas visitas feitas ao *lócus* de estudo, os guias sempre fazem referência a uma espécie de samambaia invasora que vem se alastrando por toda a Chapada Diamantina, inclusive em áreas mais remotas, como é o caso do Vale do Pati. De acordo com informações do *site* do Parque Nacional da Chapada Diamantina, em 2013, o ICMBIO aprovou um projeto de pesquisa que visava conhecer melhor a Samambaia de Caniço (*Dicranopteris flexuosa*), uma espécie invasora introduzida na região. Contudo, este trabalho ainda não foi finalizado.

O Plano de Manejo, em sua normativa também define, a priori, que “[...] a visitação pública aos sítios arqueológicos e cavernas existentes – já conhecidos ou que venham a ser encontrados – no PNCD ficará condicionada à realização de estudos específicos e às recomendações de manejo por eles indicadas” (BRASIL, 2007). Nesse sentido, mais uma vez, demonstra ser um documento que aborda questões que ainda estão distantes de acontecer na prática. O que se nota, ao se visitar pontos turísticos da Chapada, é que não existem recomendações e ou orientações aos visitantes, o que se caracteriza de forma generalizada.

O documento prossegue estabelecendo mais uma norma: “[...] Cada trilha terá normas próprias para o uso público, conforme explicitado nas áreas estratégicas internas onde as mesmas estiverem inseridas” (BRASIL, 2007). Percebe-se, mais uma vez, que as normas de utilização existem, no entanto, elas não são disponibilizadas para o visitante, muito menos são efetivamente cumpridas. Em relação ao planejamento apresentado no Plano de Manejo (BRASIL, 2007, p. 272) dois pontos apresentam estreita relação com este trabalho de pesquisa. São os que definem que:

- Deverá ser estabelecido um Termo de Compromisso (TC) com as populações residentes no Parque, o qual definirá as normas específicas de uso temporário, até a conclusão do processo de desapropriação, indenização e de reassentamento;
- A hospedagem de visitantes no Parque, nas residências dos moradores ainda não indenizados, deverá passar pelo mesmo procedimento de agendamento previsto para os atrativos da UC.

Ressalta-se, no entanto, que os turistas que visitam o Vale do Pati se hospedam nas residências dos moradores locais, o que evidencia a tensão entre gestão do parque e populações residentes. O Plano de Manejo do PNCD estabelece também que “[...] Para realizar atividades de visitação só poderão parceiros habilitados e dentro dos procedimentos estabelecidos para a exploração destes serviços” (BRASIL, 2007). Porém, não há registros de agendamento de visitação na região da Chapada Diamantina. Os atrativos atendem por livre demanda, o que pode ser observado em épocas de alta estação, quando algumas trilhas recebem público muito superior à capacidade de carga.

De acordo com a Associação de Condutores do Vale do Capão – ACV/VC, entidade que controla diariamente o acesso à trilha da Cachoeira da Fumaça, a capacidade de carga desse atrativo é de 180 visitantes por dia. Contudo, em períodos de alto fluxo, é comum entrarem nessa trilha até 600 pessoas. Ainda quanto à visitação e controle desta, o Plano de Manejo estabelece que “[...] o acesso dos visitantes, acompanhados ou não de servidores do PNCD ou de parceiros habilitados, conforme a trilha, deverá ser precedido dos devidos esclarecimentos sobre as normas de segurança pré-determinadas” (BRASIL, 2007). O que se observa na prática, porém, é que os visitantes recebem informações sobre segurança apenas nas atrações da Chapada Diamantina que estão em propriedades particulares, como a Pratinha, Lapa Doce e Cachoeira do Buracão, localizadas fora do PNCD.

O Plano de Manejo determina também que:

[...] o responsável pelo grupo receberá um registro de acesso na entrada, devendo devolvê-lo imediatamente após sua saída do PNCD, no PIC – Posto de Informação e Controle, PI – Posto de informação, portaria ou CV - Centro de Visitantes mais próximo, para controle e segurança do visitante (BRASIL, 2007).

Observa-se, no entanto, que esta importante norma também não é cumprida, uma vez que os pontos de acesso ao PNCD não possuem portarias ou guaritas para o devido controle. As pessoas transitam livremente pelos limites do parque, sem nenhum registro de entrada ou saída. Em 2015, o desaparecimento do turista espanhol Hugo Ferrara

chamou a atenção da mídia internacional. A família tinha notícias que ele havia partido da Chapada dos Veadeiros, com direção à Chapada Diamantina. Porém, esta informação não era confirmada pelos órgãos responsáveis. Após muitas buscas, a família descobriu que o turista estava na região da Chapada Diamantina, pois foi encontrado um registro de acesso na Cachoeira da Fumaça (Palmeiras). Depois dessa “pista”, descobriu-se que ele se perdeu em uma trilha, se acidentou e veio a falecer.

O caso foi desvendado somente quase dois anos depois do desaparecimento. Se essa norma fosse cumprida, certamente seria acionada uma estrutura de busca e o desfecho da situação poderia ter sido outro. Vale, assim, o registro que, entre todas as áreas do PNCD, apenas na Cachoeira da Fumaça existe controle de acesso. O trabalho é feito de forma voluntária pela ACV-VC, servindo de referência de fluxo turístico para uma série de estudos e estatísticas. Igualmente, e correlacionado a esta problemática, outro ponto no qual se percebe bastante inconsistência e fragilidade nas informações sobre turismo na Chapada Diamantina é no quesito perfil do visitante. Como não há levantamentos sobre esse tema, o que se observa é que se convencionou que o visitante se enquadra no perfil de turismo de aventura e ecoturismo, adotando perfis como o da pesquisa da Associação Brasileira de Esportes e Turismo de Aventura – ABETA (2006).

Vale ressaltar que esse estudo foi realizado apenas com destinos emissores nacionais, desmerecendo completamente um fluxo existente e evidente de turistas estrangeiros. Da mesma forma, não se levantou, até então, o perfil do público que viaja para o Vale do Pati. A partir de observação e entrevistas em profundidade com condutores de visitantes da Chapada Diamantina (entrevista semiestruturada, conforme apêndice I), ficou evidenciado que existe um fluxo turístico para o Vale do Pati bem distribuído ao longo do ano, com dois momentos considerados como “alta estação”. Entre dezembro e fevereiro, o fluxo é predominantemente interno, vindo, principalmente, dos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais. Outro momento de fluxo intenso é entre julho e agosto, período de férias no hemisfério norte. Nesses meses, o fluxo é predominantemente externo, vindos da França, Estados Unidos, Inglaterra, além de toda a América do Sul¹.

Outra evidência apontada pela observação e abordagem com os condutores de visitantes locais diz respeito ao perfil do turista no que se refere à suas preferências. Dois segmentos turísticos são citados de forma recorrente – o turismo de aventura e o

¹ Conforme dados oriundos desta presente pesquisa.

ecoturismo. De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2008, p. 15), o Turismo de Aventura “[...] compreende os movimentos turísticos decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter recreativo e não-competitivo”. A partir do entendimento de que o turismo de aventura é um segmento de mercado, a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT definiu que atividades de Turismo de Aventura são “[...] oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades de Turismo de Aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e assumidos” (ABNT, 2006).

Outro conceito importante para a construção desse trabalho é o de Ecoturismo. O Ministério do Turismo (BRASIL, 2008, p. 9) conceitua ecoturismo como segmento turístico que usa “[...] de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações”. Dessa forma, é possível incluir a observação de fauna, de flora e de formações geológicas, bem como a contemplação realizada durante caminhadas, mergulhos, safáris fotográficos e trilhas interpretativas como atividades do ecoturismo.

No estudo da ABETA (2006), quase a totalidade dos turistas de aventura brasileiros (96%) estão entre as classes A e C. Destes, 30% são classe A, 56% classe B e 10% classe C. Em relação à faixa etária, os turistas de aventura brasileiros estão dispostos da seguinte forma: 38% entre 18 e 29 anos, 15% entre 30 e 39 anos, 27% entre 40 e 49 anos e 20% entre 50 e 59 anos. Esses turistas, de acordo com a referida pesquisa, são, prioritariamente, originários de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

A pesquisa realizada pela ABETA (2006) aponta algumas questões importantes, principalmente no que se refere ao perfil econômico do turista de aventura. Contudo, verifica-se que ela apresenta também algumas distorções, de acordo com o entendimento deste estudo, pois, no período de observação do pesquisador, na Chapada Diamantina, os dados referentes à faixa etária e origem desses turistas não apresentam consistência, talvez em função da pesquisa ter sido elaborada em 2009, quase 10 (dez) anos atrás. Contudo, é um trabalho importante, uma vez que foi realizada por entidade conceituada, além de ser uma das poucas referências sobre o perfil do turista de aventura brasileiro.

Ademais, observa-se ainda que o parque enfrenta grandes problemas, dentre os quais a falta de fiscalização, as ameaças de garimpo artesanal, caça predatória, incêndios florestais, comercialização de plantas (principalmente orquídeas e bromélias),

crístais e o gado que pasta livremente em algumas áreas, além da agricultura no entorno do parque que, também, gera sérios danos. Sendo a unidade de fácil acesso, sem controle, torna-se difícil o monitoramento de todas essas atividades ilegais ali perpetradas, uma vez que é baixa a aplicação dos instrumentos legais na região.

Enquanto forma de combate e resolução para alguns desses problemas vivenciados na atualidade, os municípios que compõem o PNCD oferecem inúmeras opções de acolhimento, conforme será discutido no próximo capítulo. Entretanto, cumpre registrar desde já que tal acolhimento visa também preservar ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação ambiental, recreação em contato com a natureza e turismo ecológico.

3 ACOLHIMENTO TURÍSTICO

O foco principal dessa pesquisa é discutir sobre os saberes e a difusão do conhecimento, no que se refere ao acolhimento turístico no Vale do Pati. Sendo assim, antes de apresentar o estudo de campo, é necessário abordar, de forma pontual, o acolhimento, conceito principal que fundamenta esse trabalho. Para Avena (2015), principal referência no estudo da temática no Brasil, o termo acolhimento tem significação ampla e, em razão disso, abrange também as categorias hospitalidade, cuidado e reconhecimento.

Citando Gouirand (1994), Avena (2015) aponta que o autor “[...] defende que a reputação de um estabelecimento turístico está diretamente ligada ao acolhimento”. Tal percepção se observa principalmente quando se entende que:

[...] o acolhimento está para o turismo assim como a publicidade está para a venda, isto é, a reputação turística de um país, de uma cidade ou de um hotel depende, em grande parte, do tipo de acolhimento que recebemos nesses locais (GOUIRAND, 1994, apud AVENA, 2015).

Logo, estabelecimentos que atendem turistas são, naturalmente, “[...] estruturas de acolhimento, isto é, espaços onde são acolhidos e hospedados os viajantes e onde o acolhimento é, sem dúvida, melhor colocado em prática” (GOUIRAND, 1994, apud AVENA, 2015). Seguindo essa mesma lógica, o autor retrata a importância de as equipes dessas empresas compreenderem as motivações, gostos e preferências dos turistas, para que o acolhimento possa ser caracterizado como positivo (GOUIRAND, 1994, apud AVENA, 2015).

Ainda citando Gouirand (1994), Avena (2015) apresenta uma conceituação sobre o acolhimento como:

[...] mediação que compreende um conjunto de atitudes, de gestos, e de coisas que fazem passar uma pessoa ou uma ideia do exterior para o interior de um lugar ou de uma comunidade e que transforma o estranho em uma pessoa ou uma ideia, conhecida e aceita. É, na realidade, um fato social (GOUIRAND 1994, apud AVENA, 2015).

Baseando-se em Gouirand (1994), em suas pesquisas, Avena (2015) conclui que o acolhimento possibilita que turistas se transformem, se integrem às comunidades, fazendo parte de grupos, realizando, essencialmente, um fato social. Tal conclusão o

motivou a dar a seu livro, produto de sua tese de doutorado em educação, o título “Viajando... se transformando”.

Ainda tratando do conceito de acolhimento, relacionando-o a serviço, não é incomum se deparar com conflitos sobre esses termos. Por isso, é interessante recorrer a alguns autores para esclarecer os conceitos. De acordo com Kotler e Keller (2006, p. 191), “[...] Serviço é qualquer atividade ou benefício que uma parte possa oferecer a outra, que seja essencialmente intangível e não resulte na propriedade de qualquer coisa. Sua produção pode estar, ou não, vinculada a um produto físico”.

Gouirand (1994), citado por Avena, (2015), trazendo os conceitos para a ambiência do turismo, vai mais adiante, dizendo que:

[...] é necessário fazer uma distinção entre acolhimento e serviço, pois se usa uma palavra pela outra. A noção de serviço deve ser explicitada, visto que é, às vezes, injustamente desvalorizada, sendo confundida com servilismo (ideia de legalidade ou de costume) ou com servidão (ideia de inferioridade, desonra e falsidade). Ao contrário, servir é frequentemente uma honra. Servir o País, servir as forças armadas e retira-se disso, glória e reconhecimento. Neste contexto, a prestação de serviços tem outro conceito, pois quando servimos alguém, não estamos em servilismo, tampouco em um ato de servidão (GOUIRAND, 1994, apud AVENA, 2015).

O autor segue definindo a diferença entre acolhimento e serviço:

O acolhimento é completamente diferente da prestação de serviço, pois é uma relação entre duas pessoas que implica a execução de uma atividade com o outro (um recepcionista acompanha um cliente ao seu apartamento. Portanto, não há substituição). No servir, isto é, na ajuda ao outro há algo que eu faço no lugar do outro. No servir, a noção de obrigação está excluída - servimos voluntariamente. Estão esses dois elementos presentes no ato do bom acolhimento que implica acolhimento e prestação de serviço, mas não se substitui um pelo outro; são atos necessários e complementares (GOUIRAND, 1994, apud AVENA, 2015).

Dessa forma, é fundamental diferenciar serviço de acolhimento. O serviço, normalmente, é desvalorizado, associado à submissão, servidão, o que coloca o sujeito em posição inferior. Por exemplo, em viagem, o turista pode contratar um serviço de transferência. O motorista lhe presta o serviço, levando-o ao local desejado. Tratando-se do conceito de acolhimento, apesar de existir, também, uma prestação de serviço, ela é feita de forma voluntária, em conjunto com o turista. Dessa maneira, o acolhimento passa a impressão de aceitação; o turista se sente como alguém que pertence àquele grupo social.

3.1 NECESSIDADE DE ACOLHIMENTO

Como vive em coletividade, o ser humano depende do outro para sobreviver. O acolhimento faz parte deste processo de sobrevivência, uma vez que se constitui em uma necessidade natural, biológica e social. Em todos os lugares, em todas as situações, sempre haverá necessidade de acolhimento. Portanto, em qualquer etapa na cadeia do acolhimento é necessário ter parâmetros de qualidade na prestação de serviço. Daí a importância de se ter atenção especial em todas as fases do atendimento.

Karl Albrecht (1992) defende que todos os episódios de contato entre cliente e prestador de serviço geram impressões. Esses episódios são considerados pelo autor como momentos da verdade, que podem ser classificados como positivos ou negativos. A junção de todos os momentos da verdade irá construir na mente do cliente uma percepção sobre o serviço. O autor define essa sequência de momentos da verdade como Ciclo de Serviços.

Com base em Gouirand (1994), Avena (2015) explica que se os primeiros momentos da verdade em relação ao acolhimento são negativos, inevitavelmente o cliente irá construir uma percepção reativa que pode evoluir para insatisfação. Porém, se o viajante se sente bem acolhido nos primeiros momentos da verdade, isso garantirá uma boa impressão, o que pode levá-lo, inclusive, a relevar falhas que, porventura, venham a ocorrer no local do acolhimento. Daí a importância de um bom acolhimento, aliado, obviamente, ao zelo com a qualidade na prestação do serviço.

Em relação aos estabelecimentos turísticos, Avena (2015) esclarece que, segundo Gouirand (1994), estes oferecem um produto material ao cliente, acrescido de elementos intangíveis, tais como hospitalidade, gentileza, cuidado, atenção, hospitalidade. Assim, nesses locais, o turista pode cobrar um bom acolhimento, uma vez que este lhe é de direito.

3.2 O TURISTA E O LOCAL DE ACOLHIMENTO

O turista, no local do acolhimento, se sente um elemento fora de contexto, sem raízes, exposto ao novo, ao local ainda desconhecido. Contudo, o final de qualquer experiência de viagem torna o turista um ser modificado. Os momentos da verdade farão do viajante uma nova pessoa, com novas percepções, novos sentimentos, sejam eles positivos ou negativos. Para Gouirand (1994), citado por Avena (2015), essa

amplitude de possibilidades decorrentes das vivências do turista torna o acolhimento um tema muito delicado.

O hotel ou local de hospedagem tem, portanto, um enorme desafio: acolher seu cliente, uma pessoa carregada de sentimentos e emoções. Cuidados com a gentileza, cortesia e qualidade do acolhimento fazem parte do produto que o turista adquire. O nível de exigência dos turistas, normalmente, é muito elevado, pois, comumente, exigem atenção, considerando-se que pagaram por ela.

Neste sentido, mais uma vez citando Gouirand (1994), Avena (2015) alerta que no segmento turístico, o cliente tem necessidade de proteção e se algum imprevisto acontecer, certamente ele a buscará no hotel. O faz, desse modo, desejando tratamento como aquele que domina a relação, pois pagou pelo serviço exigido e a ele tem direito, contudo, a noção de acolhimento possibilita entender que, quando a recepção é positiva, a noção de confiança do cliente ultrapassa o limite do serviço pago, ampliando-se em relação à gentileza e afetividade com que fora acolhido.

3.3 DESEJOS E EXPECTATIVAS DO CLIENTE

Assim como em todas as atividades mercantis, no turismo também é fundamental entender as expectativas dos clientes, para tentar atendê-las. Conforme aponta Gouirand (1994), citado por Avena (2015), no quesito acolhimento, as principais expectativas dos turistas são: reconhecimento, hospitalidade e cuidado. O turista espera ser reconhecido como pessoa e não ser tratado como um estranho. Deseja receber as atenções que acredita ter direito com seu status de viajante. O viajante sabe quem ele é, assim como entende que sua posição de cliente gera reconhecimento daquele que o acolhe. Nesse sentido, o turista deseja ser reconhecido como alguém importante que o acolhedor deseja.

Então, é possível afirmar que, no acolhimento, o turista deseja ser desejado. Em uma compra de um bem material, o desejo físico é satisfeito pela própria aquisição ou posse de um objeto. Já na hotelaria, a entrega de um quarto bem equipado, arrumado e confortável não garante satisfação total do turista, já que o bom ou o mau acolhimento podem impactar na expectativa e na percepção do cliente. Ser bem acolhido torna o cliente satisfeito, mas se o sentimento for de um acolhimento ruim, cria um ambiente de frustração. Por isso, é fundamental que, desde o início do atendimento, o turista

perceba sinais de que é bem-vindo. Caso contrário, reações como nervosismo e agressividade podem ocorrer, em uma tentativa de solicitar uma atenção que o cliente acredita merecer.

Quanto à hospitalidade, esta é o que transforma um estranho em hóspede. Meios de hospedagem não hospitaleiros vendem hospedagem e alimentação, atentos à qualidade técnica, mas tratam os clientes como estranhos, preocupando-se, exclusivamente, em entregar serviços de forma correta do ponto de vista técnico. Já o hoteleiro hospitaleiro, além da relação comercial, preza pela construção de um relacionamento mais humanizado com o turista. O cliente espera ser tratado como alguém próximo, que participa de uma relação comunitária, que enxerga o hotel como seu lar durante aqueles dias em que está viajando. O bom hospitaleiro reconhece que acolher significa se preocupar com o conforto, proteção e bem-estar do viajante.

Tratando-se do cuidado a ser prestado pelo hospitaleiro, do ponto de vista do cliente, este espera também que o prestador de serviço cuide dele, ou seja, que lhe preste os devidos cuidados. O viajante espera, pois, receber orientações, sugestões de atividades, indicações etc. É o responsável pelo acolhimento quem deve se ocupar dessa missão. Cuidar é guiar o cliente, orientando-o sobre sua instalação, informando e ofertando os serviços necessários. É preciso que o acolhedor demonstre ao cliente vontade em recebê-lo e em tornar a sua estada agradável e repleta de momentos positivos da verdade (GOUIRAND, 1994, apud AVENA, 2015).

Assim, as expectativas de acolhimento num meio de hospedagem respeitam uma cadeia: o turista espera reconhecimento como pessoa, como aquele que sabe da sua condição de cliente; por isso, deseja ser desejado, ser aceito e inserido no grupo de clientes do estabelecimento hoteleiro e ser alvo de atenções particulares. Dessa forma, os procedimentos de acolhimento praticados em uma empresa do segmento de hotelaria devem demonstrar os fatores essenciais do acolhimento: reconhecimento, hospitalidade e cuidado.

Segundo Almeida (2001), para ser mensurada a qualidade em serviços, é fundamental que sejam conhecidas expectativas e percepções dos clientes. Para que um serviço turístico alcance o nível de qualidade, torna-se necessário pesquisar motivações e expectativas do turista antes da viagem e, posteriormente, avaliar a prestação do serviço, buscando entender as opiniões/sugestões e implementar possíveis melhorias. O ganho de qualidade na prestação do serviço depende diretamente do entendimento do que é esperado e o que é percebido pelo cliente. Por

isto, o prestador de serviços hoteleiros deve estar atento às principais expectativas de seus clientes.

3.4 A CADEIA DO ACOLHIMENTO

O acolhimento precisa estar presente em todas as etapas da atividade turística. Uma característica marcante desta atividade é o contato do prestador do serviço com o cliente e, certamente, o bom acolhimento é algo que o turista espera. Portanto, de acordo com Avena (2006), a cadeia de acolhimento apresenta uma série de características a serem notadas e avaliadas. É evidente que nos meios de hospedagem acontece grande parte do processo de acolhimento. Contudo, este processo deve envolver toda e qualquer etapa da atividade turística, mesmo aquelas não percebidas pelo cliente.

Por isso, se diz que o acolhimento que o turista percebe em uma recepção na hospedagem, ou até mesmo durante o atendimento em um restaurante, é apenas uma parte do processo, momento este comparado, por Avena (2006), à ponta de um iceberg, quando afirma que toda prestação de serviço não visível pelo cliente pode também ser comparada à parte submersa do mesmo iceberg. A relação entre o cliente e o prestador que o atende no meio de hospedagem, ou em qualquer outro estabelecimento turístico, será positiva desde que exista um esforço de gestão, algo que para o turista não é visível, como a parte submersa do iceberg. De nada adianta o responsável pelo acolhimento ser eficiente, ser cortês e amável, se o ciclo do serviço apresentar falhas. Todas as etapas anteriores (abordagem comercial, reserva, financeiro, informações) precisam seguir a mesma filosofia de qualidade na prestação do serviço. A qualidade do acolhimento dependerá dos funcionários envolvidos no atendimento, assim como da gestão da qualidade da organização, do zelo com detalhes, das condições de trabalho das pessoas, etc. Independente do sistema de trabalho escolhido pela organização turística, a qualidade do acolhimento dependerá do bom funcionamento da cadeia de serviços. Obviamente, não se pode esperar sorrisos e cuidados com o turista, se as pessoas responsáveis pelo acolhimento encontrarem dificuldades em realizar suas atividades diárias ou se não dispuserem dos recursos adequados para bem acolher (AVENA, 2006).

3.5 O LOCAL DO ACOLHIMENTO

É inquestionável que quem acolhe precisa ter atenção especial com a estrutura material no meio de hospedagem. Acreditar que apenas tratar bem, sorrir, atender com cortesia basta para que o turista se sinta satisfeito e acolhido é um grande equívoco. Para Avena (2006), acolher significa, além de criar um clima psicológico favorável, cuidar também da estrutura física. O autor afirma que esses elementos são indissociáveis, além de ambos se influenciarem. O cuidado em preparar o espaço do acolhimento é tão importante quanto a qualidade do atendimento e da relação que se estabelece no acolhimento. Ser acolhido num meio de hospedagem agradável é, para o cliente, um sinal de bom acolhimento.

Ressalta-se que esta é uma questão a ser abordada no próximo capítulo, tendo em vista que construções e reformas nos meios de hospedagem do Vale do Pati sofrem severas restrições legais. Nesse capítulo, busca-se detalhar como os meios de hospedagem no Vale do Pati não apresentam nenhum requinte ou sofisticação, apesar da grande preocupação e zelo com a higiene e organização.

Avena (2006), neste sentido, parafraseando Gouirand (1994, p. 139-150) diz que:

[...] a arquitetura para o acolhimento requer que os espaços devam ter dimensão 'humanizada'. As palavras-chave neste aspecto são medida e equilíbrio, um equilíbrio entre três pontos: espaço, homem e função. Para que se chegue ao 'ambiente de acolhimento' os espaços devem ser funcionais, a escolha dos materiais deve levar em conta dois dos principais elementos sensoriais do acolhimento: o calor humano e um prazer delicado. O estudo das formas deve ser feito em função destes mesmos critérios. Outros pontos importantes são a decoração, a iluminação, a higiene, a limpeza e a manutenção dos espaços, os odores, os sons (a música), o conforto sensorial, representado por estímulos agradáveis.

Concluindo, Avena (2006) ressalta que a qualidade do ambiente age sobre a qualidade do acolhimento de dois modos: por aquilo que ele comunica oferecer do ponto de vista do conforto; por aquilo que ele significa, pois “[...] o ambiente tem a sua linguagem própria; ele é em si mesmo um discurso, uma mensagem que implica promessa de bem estar, de conforto, de acolhimento” (AVENA, 2006, p. 189).

4 UM DIAMANTE A SER DESCOBERTO: VALE DO PATI – SABERES E SUA DIFUSÃO EM RELAÇÃO AO ACOLHIMENTO

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

O Vale do Pati tem muitas características que o tornam um destino turístico diferenciado. É a única comunidade totalmente inserida nos limites do PNCD, e por conta dessa peculiaridade, se restringe, ao menos de modo parcial, às recomendações e normas impostas pelo Plano de Manejo do parque, visto que já foi discutido que algumas especificações estão dispostas apenas na teoria, apresentando-se nulas na prática cotidiana. Atualmente, do ponto de vista político e geográfico, o local pertence ao município de Mucugê (IBGE, 2018).

Um ponto bastante curioso sobre o Vale do Pati é a sua formação histórica, sua construção enquanto comunidade, como lugar que possui pessoas e que recebe pessoas. Sr. Wilson, um dos patizeiros mais antigos ainda residentes no Vale, afirma que as primeiras pessoas chegaram ao Pati no ano de 1899, pelo Vale do Capão, na época chamado de Capão Grande. Eram desbravadores que buscavam terras mais úmidas para o plantio, já que uma grande seca acabava de assolara toda a região. Segundo Sr. Wilson, no local encontraram água em abundância e terras férteis. A mandioca plantada brotou rapidamente e a notícia de que ali era um bom local para a agricultura se espalhou, e mais pessoas passaram a migrar para o Pati, com o objetivo de cultivar as suas terras (BARRETO, 2013).

Essa primeira fase de ocupação do Pati se caracterizou pela agricultura de subsistência e não representou grande relevância econômica para o local. Eram apenas poucos agricultores que fugiam de suas roças secas para cultivar alimentos nas terras úmidas do Pati. Mas foi dessa forma que se iniciou o povoamento local. Nos relatos de Sr. Wilson (BARRETO, 2013), fica muito evidente que a introdução da cultura do café no Vale do Pati foi um fato que mudou em definitivo a realidade local. Ele conta que no vale chegavam a circular 2000 pessoas, e que chegou a contabilizar mais de 330 famílias residentes no Pati na época do café. Portanto, sendo a cafeicultura um fato tão impactante para a formação social e econômica local, é importante descrever como se deu a chegada dessa importante atividade no país e na região da Chapada Diamantina.

O café aportou no Brasil em 1727, trazido pelo sargento Francisco Palheta, por solicitação do governador do Maranhão e Grão Pará. O militar foi até a Guiana Francesa e de lá trouxe de forma clandestina uma muda de café Arábica, escondida na sua bagagem. Os registros históricos, entretanto, apontam que essa primeira planta foi um presente da esposa do governador de Caiena (capital da Guiana) para o militar brasileiro. O clima e o solo brasileiro permitiram uma adaptação perfeita do café no país. Iniciado no Maranhão, o cultivo seguiu se expandindo pela Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Minas Gerais. De forma rápida, o café se transformou em uma importante atividade econômica para o Brasil (REVISTA CAFEICULTURA, 2007).

Ao longo do Século XIX, o café viabilizou o que se pode chamar de progresso brasileiro. Na medida em que as exportações de algodão, açúcar e cacau diminuam, as vendas de café para o mercado internacional só expandiam. No sudeste brasileiro, a força econômica da atividade café se converteu em poder político – os paulistas fizeram fortuna com o comércio cafeeiro e passaram a investir na indústria. No início do Século XX, o Brasil produzia mais de 22 milhões de sacas de café. Nessa época, existia preço mínimo fixo, estabelecido pelo Convênio de Taubaté, celebrado entre os presidentes das províncias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Como poder econômico e político estavam muito próximos, naturalmente, foram criadas condições de reserva de mercado – preços mínimos, taxas elevadíssimas para impedir novas plantações e fundos de estabilização cambial (REVISTA CAFEICULTURA, 2007).

Contudo, a primeira Guerra Mundial trouxe dificuldades para a comercialização do café brasileiro em relação ao mercado internacional. Foi preciso o governo federal, juntamente com o do estado de São Paulo, realizar compras de volumes de produção para gerar o que se chama de estoque regulador. Em 1917, 3 milhões de sacas de café estocadas pelo governo de São Paulo permitiram uma falsa oferta limitada, tornando o café escasso e gerando supervalorização. No ano seguinte, as condições climáticas afetaram criticamente o mercado internacional do café, elevando muito os preços do produto. O setor viveu, então, momentos de euforia (REVISTA CAFEICULTURA, 2007).

A crise de 29 gerou graves impactos para o mercado do café. Os preços caíram de forma vertiginosa e para tentar conter essa baixa nos preços foram queimadas mais de 80 milhões de sacas do produto. Em 1931, foi criado o Conselho Nacional do Café – CNC, os impostos sob a importação foram majorados e mais 12 milhões de

sacas queimadas para tentar regular o mercado. Dois anos mais tarde, o Estado aumentou o seu poder sobre o mercado do café, extinguindo o CNC e instituindo o Departamento Nacional do Café – DNC. No final dos anos 30, o café do Brasil sofreu mais uma perda, com o início da Segunda Guerra Mundial, quando os preços foram reajustados e o país não pode tirar proveitos dessa alta de preços, já que promoveu queima dos estoques reguladores.

Em 1952, foi criado o Instituto Brasileiro do Café – IBC, que tinha como principal objetivo promover pesquisas sobre o produto, baratear preços no mercado interno e melhorar a qualidade na produção. Nesse mesmo período, o governo passou a massificar a propaganda do café brasileiro no país e no exterior. No ano seguinte foi criada a Organização Internacional do Café – OIC. No final da década de 50, por conta dos elevados estoques reguladores acumulados, o governo brasileiro instituiu campanhas para aumento do consumo interno. Apesar da intensa presença do controle do Estado em toda a cadeia, o plantio e produção de café no país seguiu de forma significativa, a ponto de manter o produto como um dos principais itens de exportação nacional.

Apesar da abundância de bibliografia sobre a introdução da cultura do café no Brasil até os anos 60, só há registros orais sobre a sua chegada e consolidação no Vale do Pati. No documentário *A Vida no Vale* (BARRETO, 2013), Sr. Wilson se refere a uma ordem governamental para acabar com os cafezais. Essa ordem está intimamente ligada à criação do Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura – Gerca, que tinha como principal objetivo conter a produção, para que o Governo pudesse ter melhor controle sobre o preço do café no mercado internacional. Com menos oferta, o produto que era tão importante para a balança comercial brasileira iria ser mais valorizado e, conseqüentemente, geraria melhores resultados econômicos. O Governo iniciou, então, uma tentativa de erradicar cafezais, prioritariamente aqueles pouco produtivos, indenizando os seus proprietários.

Em 1962, foi firmado o Acordo Internacional do Café, uma tentativa dos países produtores de criar um mecanismo de controle da produção, para ajustar oferta e demanda do café no mercado internacional, evitando variações de preço, assim como geração de grandes volumes de produto estocado. Ao longo dos anos 60, foram exterminados cerca de 2 bilhões de cafezais no Brasil (REVISTA CAFEICULTURA, 2007). O Pati sofreu duras conseqüências dessa medida governamental, no que tange à cafeicultura na região. Contudo, os campos que anteriormente abrigavam cafezais

passaram a ser reocupados por espécies nativas e a vegetação se reconstituiu. A dificuldade de acesso permitiu que aquele pedaço de terra voltasse a ter muitas das características naturais perdidas por conta da monocultura cafeeira.

Como o governo da Bahia passou a direcionar a atenção para a interiorização do turismo no estado a partir dos anos 80, a Chapada Diamantina começou a ganhar destaque como destino turístico. Existem relatos de andarilhos que trilharam pelo Vale do Pati durante a primeira metade dos anos 80. Segundo entrevista concedida por Orestes Moura (2018)², antigo guia da região, a agência de turismo Itaporã, de Piracicaba – SP, trouxe os primeiros turistas para fazerem a travessia do Vale do Pati, em 1988. O roteiro escolhido foi o seguinte: caminharam de Lençóis até o Vale do Capão, por onde acessaram o Pati. Fizeram a travessia do vale, saindo por Andaraí.

Orestes foi convidado a fazer parte desse grupo, pois já trilhava pelo local desde 1986. Ele conta que uma certa feita, por causa de uma pesada cerração, se perdeu na trilha, indo parar no Calixto. Como estava sem visibilidade e sem noção de direção, decidiu subir o Morro do Castelo, para conseguir entender aonde estava. Do alto do morro, visualizou as casas dos moradores, conseguiu retornar para a trilha e foi acolhido na casa de um antigo morador. A partir desse momento, ele vislumbrou a possibilidade de propor para aqueles poucos moradores que permaneceram no Pati a possibilidade de passarem a hospedar turistas nas suas residências. Ele afirma que deu orientações a Sr. Wilson, Sr. Massu, D. Linda, Bezo, D. Lea e D. Raquel. (MOURA, 2018).

4.2 ACESSOS

O Vale do Pati tem quatro acessos principais: Vale do Capão (norte), Andaraí (leste), Guiné (oeste) e Mucugê (sul). Cada acesso tem características e níveis de dificuldade específicos, em função das distâncias percorridas e da geografia. O acesso pelo Vale do Capão (município de Palmeiras) se inicia na localidade conhecida como Bomba. É uma caminhada de cerca de 25 km, iniciada por uma subida de elevação moderada, mas relativamente longa. São muitas horas caminhando pelos Gerais do Vieira e do Rio Preto. É uma caminhada que exige preparo físico, e normalmente o percurso demora cerca de 8 horas, pois acontecem paradas para contemplação,

² Informações obtidas por meio de entrevista realizada com o antigo guia de turismo, o qual atuava na Região da Chapada. As informações compõem o escopo dos dados da presente pesquisa.

banhos e lanches. Ao acessar o Pati pelo Vale do Capão, a primeira hospedagem que se encontra é a Igrejinha, localizada no Pati de Cima.

A entrada por Andaraí começa com um longo trecho de subida por uma antiga trilha de garimpeiros. Por esse acesso, o turista sobe a Serra do Ramalho, caminha por bastante tempo pela parte alta dessa serra e depois desce a Ladeira do Império. Essa entrada dá acesso ao Pati de Baixo. A caminhada tem cerca de 20 Km, e duração média de 6h. Ao entrar por Andaraí, o turista tem como primeira opção de hospedagem a casa do Sr. Joia.

O terceiro acesso do Vale do Pati é pela sua face oeste, pelo Guiné. O Guiné é uma vila, pertencente à cidade de Mucugê. Apesar de ser o acesso com distância mais curta, a entrada pelo Guiné exige bastante do turista, pois é preciso subir e descer trechos muito íngremes de serra, através do local conhecido como Esbarrancado. Esse acesso tem cerca de 7 km de extensão, e pode levar, em média, de 4 a 5 horas para ser cumprido. Essa entrada possibilita que o turista inicie o *trekking* pelo Pati de Cima.

A quarta possibilidade de entrada para o Vale do Pati é por Mucugê. Essa é uma trilha de cerca de 30 Km, que é indicada para quem deseja fazer uma caminhada de dois dias, com dormida no meio do caminho, na mata, ou acampado, pois não há outro meio de hospedagem ao longo do trajeto. É um acesso pouco utilizado, exige muito condicionamento físico. A primeira opção de hospedagem de quem acessa o Pati por Mucugê é a Casa de Sr. Joia, no Pati de Baixo.

A figura 1, apresentada a seguir, ilustra de forma simplificada como está inserido o Vale do Pati na Chapada Diamantina, com os respectivos acessos principais, ao Norte, Sul, Leste e Oeste.

Figura 01 – Chapada Diamantina



Fonte: Guia Chapada Diamantina, 2017.

4.3 CARACTERIZAÇÃO DOS MEIOS DE HOSPEDAGEM

Atualmente, doze residências recebem turistas no Vale do Pati. Em visita de campo realizada entre os dias 31 de agosto e 03 de setembro de 2018, foi realizada uma coleta de dados primários que possibilitaram a construção desse inventário. Por questões logísticas, o acesso foi pelo Guiné e a saída pelo Vale do Capão. Foram visitadas todas as casas e os proprietários ou responsáveis pelos meios de hospedagem foram entrevistados também com o intuito de cumprir um dos objetivos específicos desse trabalho – a proposição de um conceito de acolhimento, sob o olhar do Patizeiro.

A partir da pesquisa realizada, é possível destacar os seguintes meios de hospedagem inventariados:

- 1 D. Raquel Pereira
- 2 João Pereira
- 3 André Pereira
- 4 Lea Vieira
- 5 Agnaldo Pereira
- 6 João Calixto – Local conhecido como Igrejinha
- 7 Jailson Pereira – Local conhecido como Prefeitura
- 8 Edileuza Souza Pereira – Miraldo Pereira (Sr. Joia)
- 9 Antonio Oliveira (Sr. Tonho) e Dagmar Oliveira
- 10 Victor e Domingos Oliveira (Neto de Sr. Eduardo)
- 11 Sr. Wilson
- 12 D. Linda

Além da oferta de quartos, alguns Patizeiros também oferecem a possibilidade de o turista dormir em colchões alugados ou, ainda, em espaço no entorno das casas em barracas de camping. Em algumas casas, é oferecida a possibilidade de o turista utilizar cozinhas coletivas e preparar o seu próprio alimento, mas em outras só é possível se hospedar com a refeição inclusa (café da manhã e janta). De uma forma geral, durante a realização das entrevistas, observou-se que há uma predominância dessa possibilidade de hospedagem, para a qual acredita-se que há uma maior comodidade para aquele que hospeda e, ao mesmo tempo, traz aos hóspedes a

sensação de uma rotina de uma casa, de fato – amplia-se, assim, a sensação de hospedagem acolhedora e de inserção total na rotina dos moradores da localidade.

Em relação à estrutura física, quantidade de leitos, número de colchões e banheiros, por meio da pesquisa realizada, observou-se que os meios de hospedagem do Vale do Pati têm a seguinte configuração:

Quadro 03 – Quantidade de leitos, colchões, área para camping e banheiros por hospedagem

Meio de hospedagem	Leitos	Colchões	Área para camping	Banheiros
Jailson Pereira	20	25	8 barracas	5
Lea Vieira	25	0	Não oferece	4
Agnaldo Pereira	25	25	10 barracas	4
João Pereira	30	0	8 barracas	4
Raquel Pereira	25	0	Não oferece	4
Eduardo Oliveira	30	12	5 barracas	5
Edileuza Souza Pereira	30	15	Camping amplo	3
Antonio Oliveira	12	12	8 barracas	2
João Calixto	62	0	Não oferece	4
Wilson	24	12	Não oferece	4
Linda	12	8	Não oferece	2
André Pereira	30	0	8 barracas	4

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Dessa forma, a partir dos dados apresentados no Quadro 03, é natural concluir que existe um limite quantitativo muito claro para o turismo no Vale do Pati. Apesar do PNCD não estabelecer uma capacidade de carga que tenha como balizadora a questão da preservação da trilha, impondo regras para acesso de visitantes, a própria estrutura física apresenta as suas limitações – 325 leitos, 109 colchões e considerando que cada barraca abriga em média 2 pessoas, seriam mais 94 visitantes. Isso implica que, com ocupação de 100%, a capacidade máxima de turistas em uma mesma época no Pati seria de 528 visitantes.

Em levantamento realizado pelo ICMBIO no período do réveillon de 2018 (ICMBIO, 2018), somente pelos acessos de Andaraí e Guiné, entraram no Vale do Pati 442 turistas. Registra-se que essa instituição vem fazendo monitoramento em épocas festivas, mas por uma deficiência de material humano, precisa sempre fazer parcerias com as prefeituras. Nessa ocasião, contou apenas com a parceria das prefeituras de Mucugê e Andaraí, não sendo possível monitorar o acesso pelo Vale do Capão. Considerando que essa entrada, juntamente com a do Guiné, são as mais utilizadas, é muito provável que a taxa de ocupação nessas datas deva ter alcançado o seu percentual máximo, ou até superado essa marca. Contudo, a certeza sobre o número exato de acessos foi inviabilizada em razão da falta de pessoal para trabalhar nesse levantamento.

Cabe enfatizar ainda que a exploração da atividade turística na região da Chapada Diamantina deve ser observada por óticas variadas, sobretudo em se tratando de tal atividade no Vale do Pati. É preciso considerar que o turismo nesse território traz renda para a população local sim e pode ser visto como uma importante fonte de renda, contudo gera impactos de diversas naturezas. O primeiro deles, o ambiental, é uma preocupação daqueles mais atentos e preocupados com a preservação dos recursos naturais. Vitor Oliveira, neto do Sr. Eduardo, a partir de um depoimento colhido durante o trabalho de pesquisa de campo, afirmou que tem muito medo dos impactos trazidos pelo excesso de turistas no vale.

O jovem, que também está inserido no contexto de ser aquele que hospeda e, portanto, diretamente interessado no retorno financeiro da atividade, ainda assim problematiza, sobre os dejetos, o lixo, o impacto para os recursos naturais, e afirma que o ICMBIO deveria controlar o acesso de visitantes, principalmente em épocas de festas e feriados. Além disso, outra preocupação é com o quadro de pessoas envolvidas nessa atividade e os serviços oferecidos, visto que é preciso quem sejam respeitadas as condições mínimas de trabalho e de oferecimento dos serviços, de acordo com os suportes locais.

O quadro 04, apresentado a seguir, detalha a quantidade de pessoas que ajudam os proprietários dos meios de hospedagem, os padrões de acomodação e os preços cobrados:

Quadro 04 – Quantidade de ajudantes, como hospeda, preço da diária por hospedagem

Meio de hospedagem	Ajudantes	Como hospeda	Preço Diária (R\$)
Jailson Pereira	2	Pensão completa e aluguel de colchão. Disponibiliza cozinha comunitária	120 pensão completa 25 colchão
Lea Vieira	1	Apenas pensão completa	120 pensão completa
Agnaldo Pereira	3	Apenas pensão completa	120 pensão completa
João Pereira	0	Apenas dormida. Tem mercadinho e disponibiliza duas cozinhas comunitárias.	40 apenas dormida
Raquel Pereira	3	Apenas pensão completa	120 pensão completa
Eduardo Oliveira	3	Pensão completa e <i>camping</i> Disponibiliza cozinha comunitária	120 pensão completa 25 <i>camping</i>
Edileuza Souza Pereira	3	Pensão completa e <i>camping</i>	100 pensão completa 25 <i>camping</i>
Antonio Oliveira	2	Pensão completa e <i>camping</i>	100 pensão completa 25 <i>camping</i>
João Calixto	3	Disponibiliza cozinha comunitária, pensão completa, apenas a dormida e espaço para <i>camping</i> .	120 pensão completa 40 apenas dormida 25 <i>camping</i>
Wilson	3	Apenas pensão completa	120 pensão completa
Linda	2	Disponibiliza cozinha comunitária, pensão completa, apenas a dormida e espaço para <i>camping</i> .	120 pensão completa 40 apenas dormida 20 <i>camping</i>
André Pereira	0	Apenas a dormida. Disponibiliza cozinha comunitária	40 apenas dormida

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

No estudo de campo, foi realizado também um levantamento de quantas pessoas estão envolvidas no processo de atendimento ao turista. Essa informação é bastante relevante, tendo em vista que, de uma forma geral, o patizeiro valoriza muito

essa relação e interação com o turista. Em todas as residências, o atendimento é feito pelos proprietários. As casas que têm maior fluxo contam com, no máximo, três ajudantes. O padrão de hospedagem varia de acordo com o perfil do turista, mas existem somente os seguintes formatos: hospedagem com duas refeições, tratados como “pensão completa” (café da manhã e jantar); apenas a dormida em camas; apenas a dormida em colchões; *camping*.

Essas possibilidades visam atender a perfis econômicos diferentes de turistas, já que as acomodações são nas mesmas instalações, variando apenas a forma como o turista irá dormir e fazer as refeições. Analisando as motivações levantadas na coleta de dados realizada pelo ICMBIO, se percebe que uma parte dos turistas busca ter a experiência de viver como os patizeiros.

Sobre os preços cobrados, é possível concluir que existe um nivelamento, com quase nenhuma variação para mais ou para menos. Apesar de não ter sido abordado diretamente nas entrevistas, a existência de uma associação de moradores deixa pistas de que há um alinhamento em relação aos valores cobrados.

Ao analisar a equipe de trabalho de cada meio de hospedagem, se percebe que as estruturas são bastante enxutas e, na sua grande parte, formadas por membros da família. O ambiente familiar é algo bastante marcante nos meios de hospedagem do Vale do Pati. Algumas casas, como é o caso da de Dona Lea, contratam funcionários temporários em épocas de grande fluxo de turistas.

4.3.1 Um diamante formado por muitas joias raras: os patizeiros

Considerando que, para o presente estudo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com perguntas que obedeceram a um padrão, visando entender tanto o acolhimento turístico por meio da hospedagem e serviços oferecidos, quanto a própria noção de acolhimento que cada patizeiro-hospedador traz, as respostas mais relevantes foram organizadas e apresentadas em quadros. Para cada quadro, foram selecionadas falas que representam um local de hospedagem, apresentando as estruturas, concepções e percepções mais importantes e significativas para o desenvolvimento deste estudo, conforme se observa nos quadros apresentados a seguir, os quais foram elaborados a partir das entrevistas realizadas com cada um dos moradores que hospedam turistas no Vale do Pati.

Quadro 05 – Meio de hospedagem 1: Prefeitura, ou Casa de Jailson

Descrição	Jailson Pereira é católico, mas não frequenta a igreja. Nasceu e foi criado no Vale do Pati. Estudou no Vale, com os professores Zaqueu e Graça, afirma ter cursado até a terceira série primária. Nunca fez nenhum curso de capacitação ou formação profissional na área de hotelaria, atendimento. Tem 40 anos e três filhos, que estudam no Guiné. Diz que a casa é conhecida como prefeitura, pois, antigamente, o espaço era usado pelo poder público para realizar as eleições, onde os moradores se dirigiam para votar.
Comunicação com o turista	Se dá através de gestos e com a ajuda dos outros hóspedes.
Turista / Turismo	Ao ser perguntado o que vem à cabeça quando se fala em turismo, afirma que pensa em dinheiro, trabalho, doença e acidente: “Porque receber gente em casa envolve muitas coisas no dia-a-dia”. Jailson aborda a importância da atividade turística no Vale, mas também se mostra sensível em relação aos pontos negativos que surgem em função do fluxo de pessoas no local, principalmente no que se refere às enfermidades. Sinaliza também que, quanto mais turistas, maior o risco de acontecerem acidentes nas trilhas.
Opinião sobre a atividade turística	Jailson hospeda em sua residência há dezesseis anos e considera importante o desenvolvimento da atividade turística no Pati, porque, quanto mais turistas, mais renda para o local. Ele diz: “[...] a gente só tem o turista para viver”. Acha que os detalhes básicos de estrutura poderiam melhorar, a exemplo dos banheiros, mas a dificuldade de acesso do material é um fator limitante. Considera que dá ao turista uma recepção bastante calorosa.
O que significa acolher/acolhimento	Acolher significa receber bem o turista: “Dar atenção, conversar, passar um pouco do nosso dia-a-dia. O turista que vem aqui quer entender um pouco o jeito que a gente vive”.
O papel do guia	Considera a figura do guia como essencial, porque ajuda na condução de forma segura: “Muitos turistas quando entram no Vale sem guia se acidentam ou se perdem”.
Como gostaria de ser recebido como turista	“Com felicidade! Atenção, pessoas conversando comigo”
Se não bem recebido, como se sentiria	“Pensativo. Ficaria sem saber porque fui tratado daquele jeito e iria pensar duas vezes se deveria voltar”.
Como são feitas as reservas	Por recado, via rádio ou <i>WhatsApp</i> do irmão (tem <i>Wi-Fi</i> apenas para contatos comerciais, mas não divulga para não

	descaracterizar o local). Interessante a preocupação de Jailson em não abrir o acesso à internet, para que o turista possa “viver o Pati”
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo turístico. Perguntado sobre sua opinião sobre a origem dos turistas, Jailson diz ter uma percepção de que a maioria dos turistas é estrangeira, da França, principalmente.
Logística	Uma vez por semana faz compras dos mantimentos em Guiné, às quintas, dia da feira local.

Fonte: Dados da pesquisa.

Quadro 06 – Meio de hospedagem 2: Casa de D. Léa

Descrição	Léa Vieira é católica, tem dois filhos, 62 anos, viúva. Nascida e criada no Vale do Pati. Estudou no Vale, apenas o básico – sabe ler e “assinar o nome”.
Comunicação com o turista	Quando chega turista estrangeiro, se comunica através de gestos e mímica, além de contar com ajuda dos outros hóspedes.
Turista / Turismo	O que vem na cabeça é alegria - “Porque a gente mora em um lugar isolado, e quando essas pessoas chegam trazem alegria. É bom para conversar”.
Opinião sobre a atividade turística	“Muito importante. Se não fossem os turistas a gente não tinha como sobreviver no Vale”.
O que significa acolher /acolhimento	“Sorriso. Porque sorriso lembra alegria”. Quando recebe pessoas com sorriso e alegria, um turista informa para o outro que ali ele foi bem tratado.
O papel do guia	Muito importante. Porque é ele quem leva o visitante e sem o guia muitas coisas ruins podem acontecer, como acidentes.
Como gostaria de ser recebida como turista	“Bem recebida – recebida com sorriso, com alegria”.
Se não fosse bem recebida, como se sentiria?	“Mal e não voltaria mais”.
Como são feitas as reservas	Por telefone do filho, via rádio ou por recado.
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo turístico, mas acha que a maioria é de estrangeiros, vindos principalmente da França.
Logística	Uma vez por semana, faz a compra dos mantimentos em Guiné, na quinta, dia da feira.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 07 – Meio de hospedagem 3: Casa de Agnaldo

Descrição	Agnaldo Pereira é católico, tem 42 anos é casado e tem 1 filho. Nasceu e foi criado no Vale do Pati. Estudou no Vale, até a 4ª série apenas. Além de hospedar visitantes em sua residência, tem também uma tropa de burros e mulas para atender os turistas. Diz que tudo o que sabe, aprendeu com a mãe, Dona Raquel.
Comunicação com o turista	Quando chega turista estrangeiro, se comunica através de gestos e mímica, e conta com a ajuda dos outros hóspedes.
Turista / Turismo	Significa trabalho - “Porque é o meu dia-a-dia. Chegam até 10 pessoas e eu preciso dar conta de atender a todos”.
Opinião sobre a atividade turística	“Muito importante para nós do Pati, porque é o nosso trabalho e não se vive sem trabalho”
O que significa acolher/acolhimento	“Atenção. Sentar, conversar, trocar ideias. O turista que vem pra cá quer atenção”
O papel do guia	“Sem o guia, o turista pode se perder”.
Como gostaria de ser recebido como turista	“Com atenção. Atenção é tudo”
Se não fosse bem recebido, como se sentiria?	“Sentiria que a pessoa não gostou de mim e não voltaria mais no lugar”.
Como são feitas as reservas	Pelo <i>WhatsApp</i> de João.
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo turístico.
Logística	Uma vez por semana compra mantimentos em Guiné, na quinta, dia da feira.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 08 – Meio de hospedagem 4: Casa de João Pereira

Descrição	João é católico, tem 34 anos e é solteiro. Nascido no Vale do Pati, estudou no Pati e no Guiné. Fez curso de brigadista.
Comunicação com o turista	Quando chega turista estrangeiro se comunica com gestos e mímica. Sempre conta com a ajuda dos guias.
Turista / Turismo	Turista / Turismo – ao ser perguntado sobre o que vem na cabeça quando se fala em turista e turismo, ele responde “férias” - “Porque as pessoas da capital trabalham muito, ganham bem e vem curtir na Chapada”.
Opinião sobre a atividade turística	“Muito importante. O turismo traz muitos visitantes e a gente pode trabalhar”.
O que significa acolher/acolhimento	Conforto. Depois de caminhar muitas horas, chegar, ter comida, cama e atenção
O papel do guia	“Muito importante. Porque eles conhecem bem o local. Mas se o visitante for sozinho e conhecer bem o local, não tem necessidade de guia”.
Como gostaria de ser recebido como turista	“ter as pessoas por perto, respeito, conversar e trocar ideias.”
Se não fosse bem recebido, como se sentiria?	“Ficaria triste e não voltaria nunca mais porque não gosta de ser maltratado”.
Como são feitas as reservas	Por <i>WhatsApp</i> e <i>facebook</i> . João instalou internet via satélite, por sugestão de um amigo no início do segundo semestre de 2018. Não oferece acesso aos turistas. Caso tenha alguma emergência ou necessidade, permite o uso da sua internet.
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo turístico. Afirma que sempre tem hóspedes. Observa que em outubro e novembro tem uma baixa no movimento, mas nunca mais o Pati ficou totalmente sem turistas. Considera que o fluxo é bem dividido entre estrangeiros e brasileiros.
Logística	Uma vez por semana, faz compra dos mantimentos em Guiné, na quinta, dia da feira. Montou uma hospedaria, a mais nova do local, após observar que existe um perfil de turista que não tem condições financeiras de se hospedar com pensão completa, e que quer gastar menos. Assim ele passou a oferecer apenas a dormida por 40 reais, disponibilizando uma cozinha comunitária e um pequeno mercado para venda de mantimentos.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 09 – Meio de hospedagem 5: Casa de Dona Raquel Pereira

Descrição	Dona Raquel é uma das figuras mais conhecidas do Vale do Pati. Sua casa é muito procurada pelos turistas. D. Raquel é evangélica, tem 63 anos, diz ser solteira e teve 14 filhos. Nascida e criada no Vale do Pati. Alfabetizada no Vale, sabe apenas o básico – ler, “assinar o nome”. “Não estudei não, fui alfabetizada. Alfabetizar é diferente de estudar. Estudar é o que minhas netas fazem – uma na França e outra na faculdade em Feira de Santana”. Diz que começou a hospedar depois que uma dona de uma pousada chamada Isabel, disse que ela poderia hospedar pessoas no Vale do Pati. Sugeriu que fosse conversar com os outros patizeiros. Mas ela disse que se Isabel estava dando a ideia, ela poderia explicar como deveria ser o atendimento. Isabel deu dicas e orientações que Dona Raquel foi aperfeiçoando com o passar do tempo. Diz que “Dona Raquel não sai para ver o mundo porque o mundo vem no vale ver Dona Raquel.”
Comunicação com o turista	Não tem problema nenhum! “Com a Graça de Deus tudo é possível”. Dedica um tempo para conversar com cada um dos turistas que recebe em sua casa.
Turista / Turismo	É trabalho e renda, “o Pati melhorou 100% com o turista aqui. Eu iniciei vendendo prato de comida para quem passava e hoje eu tenho tudo isso que você está vendo com as Graças de Deus e dos turistas”
O que significa acolher/acolhimento	“Receber bem, pegar na mão, abraçar e fazer com que a pessoa se sinta em casa”.
O papel do guia	Importante. “O turista precisa do guia e o guia precisa de Deus”.
Como gostaria de ser recebido como turista	“Com, simplicidade deixando-a à vontade”
Se não fosse bem recebido, como se sentiria?	“Pode até voltar mais uma vez, porque a pessoa poderia não estar em um dia bom. Daria mais uma chance, mas ficaria desconfiada”.
Como são feitas as reservas	Fez questão de dizer que tem WhatsApp para falar com as meninas (as filhas). Mas 100% das reservas são feitas através do WhatsApp do filho, João. Tem contato com agência da França, que sempre está enviando clientes para ela.
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo turístico. “De cinco anos para cá tá difícil faltar turista”. Tem cadernos onde o turista deixa relatos e mensagens sobre a experiência no Vale. Acha que o fluxo é metade de estrangeiros e metade do Brasil.
Logística	Uma vez por semana, faz compras dos mantimentos em Guiné, quinta, dia da feira.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 10 – Meio de hospedagem 6: Casa de Sr. Eduardo Oliveira

Descrição	Entrevista realizada com Vitor, neto de Sr Eduardo. Tem 30 anos, nasceu no Pati, é evangélico, casado, sem filhos. Estudou no Pati e fez o segundo grau no Guiné. Sr. Eduardo está muito velhinho e hoje não fica mais no Pati – se mudou para o Guiné. Sr. Eduardo foi um dos primeiros a hospedar no Pati. Vitor fez curso de horticultura, de brigadista e de primeiros socorros. É a única casa do Pati que tem uma cozinha comandada por um homem.
Comunicação com o turista	Quando chega turista estrangeiro se comunica com gestos e mímica, contando também com a ajuda dos outros hóspedes e guias.
Turista / Turismo	Tranquilidade. “O turista que visita o Pati procura tranquilidade, descansar, entrar em contato com a natureza”.
Opinião sobre a atividade turística	Considera como muito importante, mas tem medo. Como não existe controle de acesso, o turismo pode trazer consequências ruins para o meio ambiente. Diz ter preocupação sobre o estado das fossas das outras casas, e para aonde estão indo os dejetos e o lixo produzido. Citou a importância de se construir banheiros secos e/ou fossas bananeira. Reclama que o ICMBIO precisava ser mais presente, só vai ao vale em época de festas.
O que significa acolher/acolhimento	“Ser bem tratado, ser bem recebido. Ter uma alimentação boa, estadia boa, qualidade de atendimento”.
O papel do guia	Importante. Porque além de conhecer o local, os guias têm noção de tempo. O turista pode até se empolgar, mas o guia tem controle do tempo e isso pode evitar muitos problemas!
Como gostaria de ser recebido como turista	“Com sorriso, com alegria”.
Se não fosse bem recebido, como se sentiria?	“Ficaria sem entender. Conversaria e perguntaria por que estava sendo maltratado”.
Como são feitas as reservas	Via telefone fixo da família em Andaraí. Tem Facebook, Instagram e WhatsApp, mas não quer internet no vale.
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo turístico. Defende que o ICMBIO deveria realizar esse controle.
Logística	Uma vez por semana compras dos mantimentos em Andaraí, aos domingos, dia da feira.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 11 – Meio de hospedagem 7: Casa de Sr. Jóia (Edileuza Pereira e Miraldo Pereira)

Descrição	Dona Edileuza é católica, tem 4 filhos, 55 anos. Nascida e criada no Vale do Pati. Estudou no Vale, até o 2º ano primário- sabe apenas o básico – ler, “assinar o nome”. Além de hospedar turistas, têm roça e comercializa os produtos na feira de Andaraí, porque existem períodos que ficam até 2 semanas sem turistas.
Comunicação com o turista	Quando chega turista estrangeiro se comunica com gestos e mímica. Conta também com a ajuda dos outros hóspedes e guias para se comunicar.
Turista / Turismo	Pensa em descanso. “Porque o que ouve do turista é que estão em busca de paz”
Opinião sobre a atividade turística	Muito importante. Dependem do turista para se sustentar, para viver.
O que significa acolher/acolhimento	“Ajudar. Fazer o que for preciso para aquela pessoa que chega cansada”.
O papel do guia	Muito importante. Segundo Dona Edileuza, o guia é o primeiro passo para ir ao Pati.
Como gostaria de ser recebido como turista	“Com sorriso”.
Se não fosse bem recebido, como se sentiria?	Se sentiria mal, mas iria relevar. Poderia ser o momento dela.... Pra que guardar mágoa?”
Como são feitas as reservas	Por telefone fixo da família em Andaraí e recado enviado pelos guias e moradores que estejam de passagem.
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo turístico. Em algumas temporadas vem muito francês e em outras tem muitos paulistas.
Logística	Uma vez por semana, compra mantimentos em Andaraí, segunda, dia da feira.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 12 – Meio de hospedagem 8: Casa de Sr. Tonho (Antonio e Dagmar Oliveira)

Descrição	É católico, tem três filhos, 56 anos. Nascido e criado no Vale do Pati. Estudou no Vale, apenas o básico – sabe ler e “assinar o nome”.
Comunicação com o turista	Quando chega turista estrangeiro se comunica com gestos e mímica. Ajuda dos outros hóspedes.
Turista / Turismo	“O que vem na cabeça? – ajuda, dinheirinho”.
Opinião sobre a atividade turística	“Importante. Sem o turista é difícil a vida. O turismo ajuda o pessoal do Pati”.
O que significa acolher/acolhimento	“Ser bem recebido. Alegria, satisfação, conversar e agradecer muito a quem chega em sua casa”.
O papel do guia	Importantíssimo. Sem o guia o turista pode se perder ou sofrer (pegar caminhos mais difíceis).
Como gostaria de ser recebido como turista	“Com alegria”.
Se não fosse bem recebido, como se sentiria?	“Sentiria mal e pra que eu voltaria se fui mal recebido?”.
Como são feitas as reservas	Recado nas pousadas, recados por guias de Andaraí – vai uma vez por semana
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo.
Logística	Uma vez por semana compras dos mantimentos em Andaraí, segunda, dia da feira. Vende bananas e ovos produzidos no quintal aos turistas

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 13 – Meio de hospedagem 9: Casa de João ou Igrejinha

Descrição	João Calixto dos Santos é católico, sem filhos, 49 anos. Nascido e criado no Vale do Pati. Estudou no Vale, apenas até a 3ª série - básico – ler, “assinar o nome”. Sua casa fica localizada no Pati de Cima e é a primeira opção de hospedagem para quem acessa o Vale pela Vila do Guiné ou pelo Vale do Capão. Normalmente recebe os turistas na entrada ou na saída do Vale.
Comunicação com o turista	Quando chega turista estrangeiro se comunica com gestos e mímica, além da ajuda dos outros hóspedes e guias.
Turista / Turismo	“O que vem na cabeça? é meu ganha pão”.
Opinião sobre a atividade turística	“Importante. Se não fossem os turistas a gente não teria renda”.
O que significa acolher/acolhimento	“Receber bem, sorrindo e conversando”.
O papel do guia	“Muito importante. Porque cuida das pessoas durante as trilhas”. João acha que se o turista já conhece o caminho, pode ir sem guia.
Como gostaria de ser recebido como turista	“Do mesmo jeito que recebo as pessoas na minha casa”.
Se não fosse bem recebido, como se sentiria?	Me sentiria mal, mas a depender da situação eu relevo”.
Como são feitas as reservas	WhatsApp e telefone fixo no Guiné.
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo turístico. Recebe turistas do mundo todo.
Logística	Uma ou duas vezes por semana compra mantimentos em Guiné, geralmente na terça, dia da feira.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 14 – Meio de hospedagem 10: Casa de Sr. Wilson

Descrição	Assim como D. Raquel, Sr. Wilson é um dos patizeiros mais conhecidos, já hospeda em sua casa há muitos anos, desde o final dos anos 80. Foi um dos primeiros a receber turistas em sua casa. Nasceu no Vale do Pati.
Comunicação com o turista	Usa gestos e mímica para se comunicar com estrangeiros, além de contar com a ajuda dos outros hóspedes e guias.
Turista / Turismo	“O que vem na cabeça? é tudo para o Pati”.
Opinião sobre a atividade turística	“Muito Importante”.
O que significa acolher/acolhimento	“Sorrir pra o turista, contar histórias do vale”.
O papel do guia	“Sem guia é difícil andar nas trilhas”.
Como gostaria de ser recebido como turista	“Com simpatia”.
Se não fosse bem recebido, como se sentiria?	“Iria ficar triste”.
Como são feitas as reservas	WhatsApp e telefone fixo no Guiné.
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo turístico. Tem cadernos nos quais o turista deixa impressões sobre a estadia na sua casa.
Logística	Uma ou duas vezes por semana compra de mantimentos em Guiné, terça, dia da feira. Possui uma pequena tropa de burros para auxiliar no transporte dos mantimentos e de turistas ou suas bagagens.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 15 – Meio de hospedagem 11: Casa de Dona Linda

Descrição	Dona Linda também nasceu no Pati e iniciou a atividade de hospedagem no início dos anos 90, sendo uma das primeiras a receber turistas.
Comunicação com o turista	Utiliza gestos e mímica quando recebe turistas de fora do país e pede sempre ajuda dos outros hóspedes e guias.
Turista / Turismo	“é a riqueza do Pati”.
Opinião sobre a atividade turística	“Importante demais, é tudo o que temos”.
O que significa acolher/acolhimento	“Sorrir e conversar”.
O papel do guia	“É ele quem traz os turistas”. Acha que sem o guia não haveria turista no Pati.
Como gostaria de ser recebido como turista	“Com sorriso”.
Se não fosse bem recebido, como se sentiria?	“Nunca mais voltava”.
Como são feitas as reservas	Por meio de telefone fixo e recado
Controle do fluxo	Não tem registro da origem do fluxo turístico e nem contabiliza. Diz que recebe turistas de todos os locais do Brasil e do mundo. Mas acha que vêm muitos franceses.
Logística	Uma vez por semana faz as compras suficientes para atender aos clientes.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Quadro 16 – Meio de hospedagem 12: Casa de André Pereira

Descrição	André Pereira também é católico, sem filhos. Nasceu e foi criado no Vale do Pati. Estudou no Vale e em Guiné. É filho de D. Raquel. Começou a hospedar recentemente, após perceber que existe um perfil de turistas que prefere gastar menos, por isso João oferece apenas a dormida e uma cozinha comunitária.
Comunicação com o turista	Basicamente através de gestos e mímica, e diz que sempre conta com a ajuda dos outros hóspedes e guias.
Turista / Turismo	“Dependemos deles para viver, mas lembro também de alegria e festa”.
Opinião sobre a atividade turística	“O Pati precisa do turismo”
O que significa acolher/acolhimento	“Atender com alegria e atenção”.
O papel do guia	“É ele quem traz os turistas e dá todas as dicas na trilha”.
Como gostaria de ser recebido como turista	“Igual como eu recebo eles em minha casa”.
Se não fosse bem recebido, como se sentiria?	“Triste”.
Como são feitas as reservas	Por WhatsApp e facebook. O irmão dele, João, instalou internet via satélite, no início do segundo semestre de 2018. Não oferece acesso aos turistas. Caso tenha alguma emergência ou necessidade, permite o uso da sua internet, no seu dispositivo.
Controle do fluxo	Não registra ou controla a origem do fluxo turístico. Afirma que recebe turistas do mundo todo.
Logística	Uma ou duas vezes por semana compra mantimentos em Guiné, geralmente na terça, dia da feira.

Fonte: Dados da Pesquisa.

Por meio das respostas dadas nos questionários e aqui reproduzidas nos quadros 05 a 16, observa-se, de modo geral, que há uma concepção comum a todos, referente ao conceito de acolhimento – o bem receber. É interessante notar também que duas das respostas apontaram que gostariam de ser recebidos, enquanto turistas, do mesmo modo como recebem os seus hóspedes. Isso evidencia não apenas a

consciência de que oferecem um serviço turístico, mas também, sobretudo, que buscam oferecer um serviço de qualidade, ao ponto de, se fosse em posição inversa, gostarem daquilo que receberiam.

Observa-se, igualmente, que ao não possibilitarem o acesso à internet, os agentes de hospedagem tentam conduzir seus hóspedes a uma vivência mais próxima possível do *modus vivendi* dos patizeiros, privilegiando o contato com a natureza e um desligamento do mundo virtual. Além disso, pontua-se, ainda, a consciência sobre a importância do turismo, do guia de turismo e o encaminhamento da profissionalização da atividade turística na região, perceptível, por exemplo, em modos alternativos de fazer a reserva, na expansão dos negócios (venda de alimentos; cozinha colaborativa) e na instalação de internet de uso restrito, visando tanto uma melhor comunicação para agendar a hospedagem quanto a comodidade do cliente em caso de urgência.

4.4 PROPOSTA DE CONCEITO DE ACOLHIMENTO NO OLHAR DO PATIZEIRO

Os estudos e vivências no Vale do Pati permitiram conhecer os locais e a dinâmica de atendimento ao turista. Foi possível também ouvir dos patizeiros suas opiniões sobre o turismo, o turista, e o significado de acolhimento. Isso possibilita que seja apresentada uma proposta de conceito de acolhimento de acordo com suas percepções, para cumprir um dos objetivos específicos desse trabalho.

Tanto Avena (2015), com base nos estudos de Gouirand, caracteriza o acolhimento como um fato social, que envolve uma estrutura (local de acolhimento), além de pessoas ou uma equipe de atendimento. Para esses pesquisadores, o local onde ocorre o atendimento é um fator de extrema importância, pois é nele que o acolhimento é colocado em prática. Assim, pode se afirmar que as casas do Pati onde se hospedam turistas são consideradas estruturas de acolhimento.

Foi dito anteriormente que, por estarem localizadas dentro de um parque nacional, existem regras explicitadas no Plano de Manejo que impedem construções e grandes intervenções arquitetônicas e estruturais. Sendo assim, as casas são simples, não há rede de distribuição de energia elétrica, de água, telefonia. A iluminação é obtida a partir de placas solares e a água disponível das casas é dos rios e córregos da região, canalizada pelos próprios moradores. Não existe rede de tratamento de esgoto. As casas têm fossas construídas de forma tradicional. Os

apostos são simples, típicos de uma casa de pessoas humildes, moradoras de uma pacata localidade do interior do país.

No trabalho de coleta de dados realizado pelo ICMBIO (2017) durante os festejos de final do ano, foram levantadas as expectativas dos turistas que acessaram o Pati. Conhecer e desfrutar da gastronomia local, “morar” alguns dias com os patizeiros e conhecer e interagir, além de fazer trilhas e conhecer os atrativos naturais, foram as respostas de maior recorrência. Daí, é possível afirmar que, de forma geral, o turista busca vivências e experiências, sendo a simplicidade e rusticidade fatores desejados por eles. Nas entrevistas realizadas com os patizeiros, ocorrem pontualmente abordagens em relação à fragilidade ou deficiência estrutural, apesar desse sentimento não ser generalizado. O patizeiro parece reconhecer que suas estruturas têm falhas, mas não externa receio de que isto impacte na qualidade do serviço prestado por eles. No estudo realizado pelo ICMBIO (2017) durante a saída do vale, os turistas externaram as suas percepções e não existe ocorrência de queixas em relação à estrutura física, ao local do acolhimento. Isso valida que o turista não tem frustrações em relação a uma expectativa quanto ao local do acolhimento.

Quando se trata do outro componente do acolhimento, a importância das pessoas ou das equipes que atendem ao turista, as principais referências sobre a temática do acolhimento apontam a importância de se compreender motivações e preferências dos turistas, como forma de tornar o acolhimento como algo positivo (GOUIRAND, 1994 apud AVENA, 2015). Nas entrevistas com os moradores do Pati, fica evidente a preocupação em conversar, dar atenção, contar histórias, compartilhar saberes com o turista. O patizeiro deixa claro que essa construção da relação, esse cuidado com o turista é um dos diferenciais do serviço prestado.

No monitoramento dos turistas realizado pelo Icmbio, prevalecem comentários positivos sobre a experiência, e não há registros de queixas em relação ao atendimento. Retomando o conceito de Gouirand (1994), citado por Avena (2015, p. 189), o acolhimento é uma:

[...] mediação que compreende um conjunto de atitudes, de gestos, e de coisas que fazem passar uma pessoa ou uma ideia do exterior para o interior de um lugar ou de uma comunidade e que transforma o estranho em uma pessoa ou uma ideia, conhecida e aceita. É, na realidade, um fato social.

Analisando as entrevistas realizadas nos meios de hospedagem do Vale do Pati, é possível validar que naquele local o acolhimento ocorre em total acordo com o

conceito trabalhado por Gouirand e Avena. O patizeiro aponta de forma unânime a importância de conversar, de interagir, de sorrir, de deixar à vontade, de compartilhar histórias com o turista. Ali acontecem, de forma efetiva, fatos sociais. Através do acolhimento no Vale do Pati, turistas se transformam momentaneamente em moradores, existe integração com as comunidades. É possível perceber que eles constroem um sentimento de pertencimento visitando aquele local.

A proposta de conceito de acolhimento na ótica do patizeiro não poderia ser diferente. Não poderia se distanciar dos valores e dos saberes daquele grupo de pessoas, construídos e difundidos a partir das experiências de troca entre turistas e patizeiros. Não poderia deixar de ser carregado da simplicidade e da verdade que existe no povo daquele lugar. Acolhimento para o patizeiro é sorrir, conversar, compartilhar histórias e dar atenção para o turista. É fazer o turista ter a experiência de viver como eles vivem, afinal os turistas se integram e passam a ser parte daquele grupo social, ainda que seja por um período curto. Afinal, o patizeiro recebe os visitantes em suas casas, o que facilita essa integração no sentido de que, nesses casos, o partilhamento do modo de vida é praticamente integral.

A “mediação” apontada no conceito de Gouirand, é comumente confundida com o que se chama popularmente de hospitalidade. Em grandes redes hoteleiras, em lojas de *fastfood* ou de varejo, é comum a existência de protocolos de atendimento, também conhecidos como *scripts*. Dessa forma, o atendimento pode parecer mecanizado, o cliente pode considerá-lo como frio, distante. No Pati, o que se valida em relação às atitudes e gestos, à interação patizeiro *versus* turista, é a inserção do visitante com simplicidade, de forma autêntica, com alegria, atenção individualizada. Atenção, alegria e conversa, inclusive, são elementos recorrentes e dominantes nas falas dos patizeiros quando são abordados sobre o que é acolhimento. Mesmo sem acesso à literatura, às tendências do *marketing* e atendimento ao cliente, o patizeiro atende seu turista de forma customizada, dedicando um tempo a cada um, conversando, interagindo e acima de tudo externando alegria em estar recebendo pessoas em sua casa.

Em relação ao local onde o acolhimento acontece, nas entrevistas e observações, se evidencia que, apesar do patizeiro ter convicção da simplicidade e deficiência das estruturas dos meios de hospedagem, existe também um entendimento que o turista que se disponibiliza a fazer longas caminhadas para chegar ao vale, busca também entender como é o cotidiano daquele local, procura viver alguns dias como vivem os moradores do local. O patizeiro sabe que o seu

cliente deseja viver a experiência de morar no Pati, ainda que seja por períodos curtos. Assim, o conceito de acolhimento proposto, sob o olhar do patizeiro, pode ser entendido como: Receber o turista em casa, sempre com alegria, atenção e de forma individualizada, para proporcionar a todos uma experiência real e inclusiva.

4.5 PROJETO DE APLICATIVO DIGITAL / SITE

O segundo objetivo específico desse trabalho de pesquisa é uma proposição de projeto de aplicativo digital ou site, que possa oferecer ao turista informações úteis, além de dicas de viagem. É importante registrar que, tendo em vista os elevados custos para a construção de um aplicativo digital, foi adquirido o domínio www.novaledopati.com.br, para apresentar antecipadamente essa proposta de *site* e, posteriormente, viabilizar o desenvolvimento de um aplicativo, através da captação de patrocínio ou de parcerias. Assim, de forma alternativa e com investimento reduzido, as informações e o conhecimento construído ao longo desse trabalho de pesquisa poderão ser facilmente difundidos, em conformidade com o propósito do Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC). O site será construído em Português, Inglês e Francês, tendo em vista que o Pati recebe turistas de muitas origens diferentes. A estrutura e conteúdo propostos são os seguintes:

Figura 02 – Home Page



Fonte: Elaborado pelo autor

Na sua página de abertura (*Home*), o *site* trará uma das fotos mais conhecidas do Vale do Pati (Trilha do acesso por Guiné), além do endereço (novaladopati.com.br) e botões com *links* para as seguintes páginas internas: O Vale do Pati e Como chegar / Onde ficar / Atrativos / Dicas e Contato. A ideia é que já no primeiro contato o usuário possa visualizar a dimensão do local e crie uma identificação com o Vale do Pati, suas trilhas, sua geografia e sua natureza

Figura 03 – Página interna: O Vale do Pati, Como Chegar



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa página, o turista terá acesso às informações gerais sobre o Vale do Pati, história, características geográficas, sociais, econômicas e culturais. Além disso, serão disponibilizadas informações sobre como chegar – na Chapada Diamantina e em cada um dos acessos ao Pati. Por considerar como muito importantes as informações sobre níveis de dificuldade e distâncias a serem percorridas pelos turistas em cada um dos trechos, essa informação estará disponível também em um outro link interno, chamado “acessos”.

Nessa sessão, os turistas interessados em visitar o Pati terão uma visão detalhada de como chegar a cada uma das entradas possíveis do Vale do Pati. O visitante terá todas as informações – horários de voos para Salvador, Lençóis e Vitória

da Conquista, de ônibus e de vans que circulam para o Vale do Capão, Mucugê, Guiné e Andaraí. Aqui serão detalhadas distâncias, níveis de dificuldade, características geográficas de cada uma das entradas do vale, checar fotos e vídeos das entradas e dos percursos.

Figura 04 – Página interna: Onde ficar



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 05 – Página interna: Onde ficar (II)



Fonte: Elaborado pelo autor.

Serão construídos doze *links* para as páginas internas “Onde ficar”. Uma para cada casa dos patizeiros, trazendo todas as informações sobre estrutura física, localização, meios para efetuar reservas, formas de hospedagem.

Figura 06 – Página interna: Atrativos

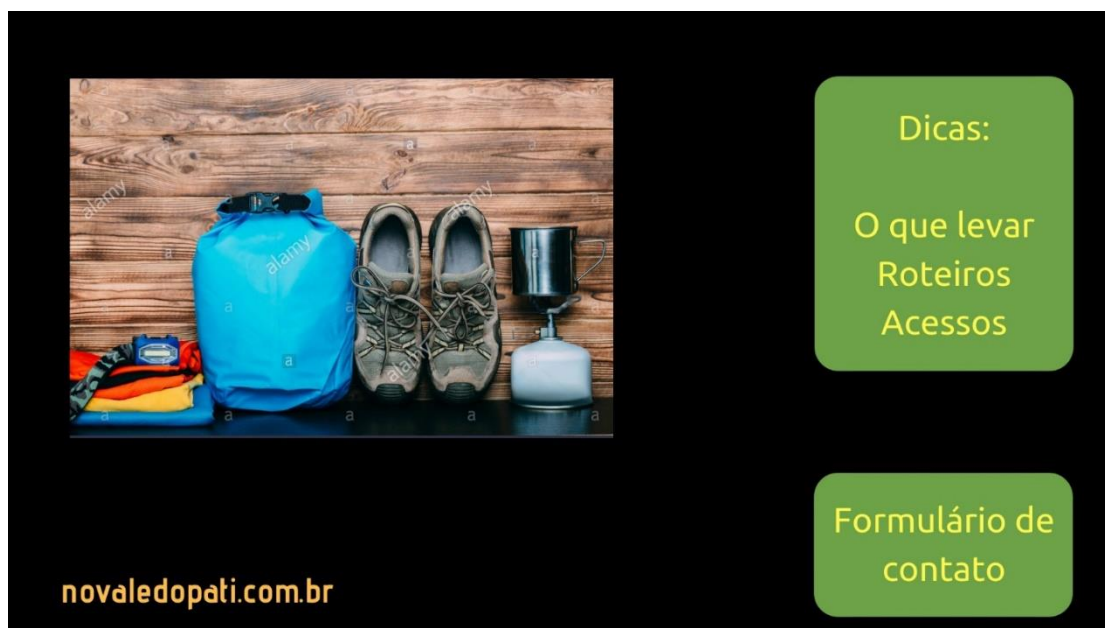


Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa página, serão apresentados os atrativos naturais do Vale do Pati, com fotos e textos descritivos dos seguintes atrativos:

- Morro do Castelo
- Cachoeira do Calixto
- Poção da Árvore
- Cachoeirão
- Mirante do Cachoeirão
- Cachoeira dos Funis

Figura 07 – Página interna: Dicas – O que levar, Roteiros, acessos e contato



Fonte: Elaborado pelo autor.

Nessa última página interna, o turista poderá encontrar dicas importantes. Na sessão “o que levar” serão sugeridos itens e equipamentos de trilha que devem ser priorizados, como, por exemplo: tipos de calçados e roupas mais adequados, proteção solar, cajado, tipos de mochilas apropriadas, capa de chuva. Além disso, serão propostos roteiros, tendo como base a disponibilidade de dias, o nível de dificuldade x condicionamento físico.

Esses fatores têm relação direta com os acessos a serem escolhidos pelo turista, daí a importância de mais uma vez facilitar o link para a página onde estão disponibilizados os mapas com os acessos ao Vale do Pati. E para finalizar, um formulário de contato. Por ele, o turista pode tirar dúvidas, enviar sugestões, críticas e deixar as suas impressões sobre a viagem. A ideia aqui é coletar também testemunhos e deixar esse conteúdo disponível para os futuros visitantes, não apenas como forma de compartilhar experiências, mas também enquanto um meio de divulgar relatos que possam incentivar outros visitantes a irem para o Vale do Pati.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho partiu de um desejo de reunir informações até então muito dispersas sobre o Vale do Pati. Existiam contribuições apenas disponíveis na oralidade, outras muito fragmentadas. A ideia da pesquisa não é esgotar o levantamento dessas informações, e sim estabelecer uma referência de partida para pesquisas e futuros trabalhos. Foi apresentado um descritivo sobre o *lócus* da pesquisa, que permitiu ao pesquisador um entendimento ampliado sobre a formação social, cultural, econômica e histórica da região analisada. Com base nesse estudo, também foi possível entender as tensões e limitações surgidas a partir da criação do PNCD. Existe uma evidência de que os patizeiros entendem que a o ICMBIO deixa a desejar em relação à gestão do parque.

No quesito gestão do parque, é importante apontar algumas conclusões observadas. A primeira delas está diretamente ligada à preocupação com os impactos do fluxo desordenado e descontrolado de turistas ao Vale do Pati. As consequências ambientais precisam ser investigadas, o que pode ser aqui sinalizado como sugestões de futuros trabalhos de pesquisa. Destinação do lixo, tratamentos alternativos de dejetos, conservação do manancial hídrico, impactos ambientais gerados pelo tráfego desordenado de turistas, são apenas algumas das muitas possibilidades de investigações a serem realizadas por outros pesquisadores.

Ainda em relação à gestão do parque, é interessante apontar que se percebe um esforço do ICMBIO em adotar estratégias de aproximação da comunidade do Pati, em monitorar o fluxo turístico em alguns períodos de festa e feriados prolongados. Contudo, um atrativo turístico com as características dessa região demanda um acompanhamento e controle rígidos e permanentes. O Pati está localizado dentro dos limites de um parque nacional, o que isoladamente já justificaria um monitoramento organizado e sistematizado do acesso.

Isso permitiria, por exemplo, a geração de importantes informações, tanto de ordem quantitativa como qualitativa. Seria possível limitar o acesso, tomando como base tanto a capacidade de hospedagem, apresentada e descrita nesse trabalho, assim como levando em consideração a capacidade de carga das trilhas, indicador calculado por técnicos da área ambiental e por turismólogos. Assim, desse trabalho de pesquisa surge também uma indicação de estudos futuros que envolvam o dimensionamento da capacidade de carga do destino turístico, proposições de

formatos de controle de acesso, capacitação de agentes ou guardas florestais que possam permanecer no Pati e agir de forma preventiva e informativa.

Ainda em relação ao controle de acesso ao parque, é importante ressaltar que como as trilhas do Pati são relativamente longas, não sinalizadas e o ambiente sofre constantes modificações por conta de questões climáticas, se entende que o acesso com o auxílio de guias seja fortemente indicado. Embora essa questão tenha sido discutida com os patizeiros durante as entrevistas, entender e descrever a importância do guia para o turismo no Pati é uma alternativa interessante para pesquisas futuras. Em relação à difusão do conhecimento, se descortina aqui uma fonte muito rica e promissora para outras análises cognitivas.

A análise do acolhimento nos meios de hospedagem foi o condutor principal para a construção desse estudo. Ainda que aquela comunidade tenha dificuldades de acesso à informações no local por todas as adversidades já expostas, o que se entende é que os saberes se difundem das mais variadas formas. Apesar de ser perfeitamente possível transpor o conceito de acolhimento trabalhado pelas suas principais referências, Gouirand e Avena, para o acolhimento no objeto de pesquisa, a pesquisa permitiu, a partir do entendimento do patizeiro, a proposição de um conceito próprio de acolhimento. Daqui desponta uma nova possibilidade de estudo futuro, lastreada na construção e difusão desse saber. Esse trabalho será entregue à associação de moradores locais, mas se entende que é perfeitamente viável realizar outros trabalhos futuros que busquem difundir e atualizar o conhecimento sobre acolhimento no Vale do Pati.

A proposição do aplicativo digital ou *site* sobre o Vale do Pati, objetivo específico desse trabalho de pesquisa, é uma tentativa de sistematizar e ofertar informações de forma facilitada, simples e objetiva sobre o turismo no Vale do Pati. O turismo de experiência é um segmento que tem chamado à atenção de forma significativa, mas até então apenas era possível encontrar informações sobre o Pati de forma dispersa. Como foi descrito anteriormente, a inexistência de fontes que reunissem informações em um único documento é algo marcante quando se fala em turismo no Vale do Pati. Obviamente, não era pretensão desse estudo esgotar a análise dessa temática, até porque o turismo é uma área dinâmica.

O desejo de reunir o máximo de informações sobre o local foi um dos principais motivadores para a realização da pesquisa, mas a evolução da comunicação, aliada à dinâmica do turismo, já apontam para novas áreas de pesquisa, até então inéditas.

É o exemplo das reservas nos meios de hospedagem do Pati, até então feitas pelos próprios guias ou através de recados. Hoje, a presença de sinal de internet em algumas casas permite comodidade, pois o turista e o guia podem efetuar suas reservas através das redes sociais, por meio de mensagens de WhatsApp ou *Facebook Messenger* – cumpre observar também que, além de um meio de reservas, futuramente pode ser uma importante ferramenta de *marketing* digital para os patizeiros. Em que medida isso pode descaracterizar o turismo local? Até que ponto o turista que vai ao Pati deseja esse tipo de serviço? O patizeiro entende pontos positivos e negativos que nascem a partir dessa evolução? Essas questões podem tranquilamente ser objeto de estudo para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABETA. Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. *Diagnóstico do Turismo de Aventura no Brasil*. 2006 vol. 1. Disponível em: http://www.abeta.com.br/pt-br/pgn.asp?id_pg=61&nivel=1. Acesso em: 11 jun. 2019.

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. *Guia de implementação: Turismo de aventura – Sistema de gestão da segurança [recurso eletrônico]* / Associação Brasileira de Normas Técnicas, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. – Rio de Janeiro: ABNT; Sebrae, 2016. 84 p.: il.color. Disponível em: <http://abnt.org.br/paginampe/biblioteca/files/upload/anexos/pdf/bdca9a1aa7e53c40a9785ed2674002ff.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2018.

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. *Meios de Hospedagem: Sistema de gestão da sustentabilidade* / Associação Brasileira de Normas Técnicas, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. – Rio de Janeiro: ABNT; SEBRAE, 2016. 78 p.: il.color. Disponível em: <http://abnt.org.br/paginampe/biblioteca/files/upload/anexos/pdf/ae6e9b0995af2e188f19d54a7469220f.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2018.

ALBRECHT, K. *Revolução nos serviços*. São Paulo: Pioneira, 1992.

ALMEIDA, S. *Ah! eu não acredito: como cativar o cliente através de um fantástico atendimento*. Salvador: Casa da Qualidade, 2001.

AVENA, B. M. *Turismo, educação e acolhimento: um novo olhar*. São Paulo: Roca, 2006.

AVENA, B. M. *Viajando... se transformando*. Rio de Janeiro: Bookstart, 2015.

BAHIA. Governo Estadual da Bahia. *Decreto nº 2216 de 14 de junho de 1993*. Publicado no Diário Oficial do Estado no dia 15 de junho de 1993. Salvador, BA. 1993. Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br/wp-content/uploads/2011/09/DECRETO-N%C2%BA-2216-DE-14-DE-JUNHO-DE-1993-Marimbus-Iraquara.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2017.

BAHIA. Governo Estadual da Bahia. *Lei 12.907, de 26 de setembro de 2013*. Diário Oficial do Estado da Bahia, publicado em 26 de setembro de 2013. Salvador, Bahia, 2013. Disponível em: http://www.sei.ba.gov.br/images/leis/LEI_12.907_26_09_2013.pdf Acesso em: 15 jul. 2017.

BARRETO, S. *A vida no Vale*. 2013. (33m22s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rirOKVYHfsY>. Acesso em: 13 jan. 2017.

BRASIL. ICMBio. Ministério do Meio ambiente. *Plano nacional de manejo: Parque da Chapada Diamantina*. Versão preliminar. Brasília, 2007. Disponível em: http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidadescoservacao/parna_chapada_diamantina.pdf Acesso em: 03 jul. 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Censo demográfico da Bahia*. Rio de Janeiro, 1980

BRASIL. Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação Geral de Segmentação. *Turismo de Aventura: orientações básicas*. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. 56 p.

BRASIL. Parque Nacional da Chapada Diamantina. *ICMBio aprova quatro projetos para Parque Nacional Chapada Diamantina*. 2013. Disponível em:

<http://parnachapadadiamantina.blogspot.com.br/2013/04/icmbio-aprova-quatro-projetos-para>. Acesso: 05 fev. 2018.

BRASIL. Presidência da República. *Decreto nº 91.655, de 17 de setembro de 1985*. Cria o Parque Nacional da Chapada da Diamantina. Diário Oficial da União - Seção 1 - 18/9/1985, p. 13593. Brasília, 1985. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1980-1987/decreto-91655-17-setembro-1985-441832-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 25 jan. 2018.

BRITO, F.E.M. *Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina*. Salvador: EDUFBA, 2005.

FUNCH, R. *Chapada Diamantina: uma reserva natural*. Salvador: Bureau, 1982.

FUNCH, L; HARLEY, R; *Plantas úteis: Chapada Diamantina: useful plants*. São Carlos: RiMa, 2004.

GANEM, N. *Lençóis de outras eras*. Brasília: Thesaurus, 2001.

GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 1997, 366 pp. Fraya Frehse

GUANAES, S.A. *Meu quintal não é parque: populações locais e gestão ambiental no Parque Nacional da Chapada Diamantina* – BA. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia) Departamento de Sociologia. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Unicamp. Campinas, 2006. Tese disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/281321>. Acesso em: 03 fev. 2017.

GUIA CHAPADA DIAMANTINA ONLINE. *Guia turístico: Chapada Diamantina*. [online]. 2017. Disponível em: <http://www.guiachapadadiamantina.com.br/parque-nacional/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Ministério do Meio ambiente. *ICMBio: apresentação*. Disponível em: <http://www.icmbio.gov.br/portal/>. Acesso em: 12 dez. 2017.

KOTLER, P.; KELLER, K. V. *Administração de Marketing*. 12ª Edição. São Paulo: Pearson, 2006.

LEAL, F. M. A antiga Comercial Vila dos Lençóis. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico*, Rio de Janeiro, n. , vol. , p. xx-xxx, 1978.

MMA. Ministério do Meio ambiente. *Ministério do Meio ambiente: apresentação e notícias*. 2017. Disponível em: <http://www.mma.gov.br>. Acesso em: 03 jul. 2017.

OLIVEIRA, J. V. Aspectos Econômicos e Sociais da Cultura do Café na Bahia. *Revista Princípios*, São Paulo, 1984 out.; ed. 9, p. 32.35. Disponível em: <http://revistaprincipios.com.br/artigos/9/cat/2304/aspectos-econômcicos-e-sociais-da-cultura-do-caf%C3%A9-na-bahia-.html> Acesso em: 03 jul. 2017.

PEREIRA, G. A. *Memória histórica e descritiva do município de São João do Paraguaçu-Lençóis (Lavras Diamantina)*. Salvador: Reis, 1907.

PEREIRA, G. A. *Memória histórica e descritiva do município de Lençóis (Lavras Diamantina)*. Salvador: A Bahia, 1910.

PEREIRA, G. A. *Minas do Rio de Contas*. Salvador: Tip. São Miguel, 1940.

REVISTA CAFEICULTURA. História do café: Desde o Convênio de Taubaté - 1906 a 2006. *Revista Cafeicultura*. [online]. 2006. Disponível em: <http://revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=6510> Acesso em: 03 jul. 2017.

SENAC, DN. *Chapada Diamantina: culinária e história. Pesquisa e texto histórico*: Delmar Alves Araújo. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013

SENNÁ, R. S. *Jarê: manifestação religiosa na Chapada Diamantina*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Departamento de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1984.

SPIX, J.B.; MARTIUS, K. F. P. *Viagem pelo Brasil, 1818-1820*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP. 1981.

TEIXEIRA, W.; LINSKER, R. *Chapada Diamantina: Águas do sertão*. São Paulo, Terra Virgem, 2005.

Tribuna da Bahia. História do café da Bahia, que já é o terceiro maior produtor de café. *Revista Cafeicultura*, 2007 jul. [online]. Disponível em: <http://revistacafeicultura.com.br/?mat=11419>. Acesso em: 15 jul. 2017.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR EM DIFUSÃO DO
CONHECIMENTO – DMMDC

APÊNDICE A –
MODELO DE QUESTIONÁRIO UTILIZADO PARA ENTREVISTA COM
MORADORES DO VALE DO PATI

- Questões norteadoras:

1. Meio de hospedagem:

Nome, idade, local de nascimento, nível de instrução, religião, quantos membros na família, desde quando hospeda?

2. Comunicação com o turista:

Como se comunica com o turista, conta com a ajuda de alguém para se comunicar?

3. Turista / Turismo:

Como você vê o turismo e o turista?

4. Opinião sobre a atividade turística

Para você o que é e qual a importância do turismo e do turista?

5. O que significa acolher/acolhimento

Para você o que significa acolher, acolhimento?

6. O papel do guia:

Qual o papel do Guia Turístico

7. Como gostaria de ser recebida como turista?

Se você fosse turista, ou quando você se coloca no lugar do turista, como gostaria de ser atendido/recebido

8. Se não for bem recebida, como se sentiria?

Na condição de turista, ou como turista, se fosse mal recebido ou maltratado, como se sentiria?

9. Como são feitas as reservas:

Existe alguma regra para realizar reservas? Como o turista faz reserva para se hospedar na sua casa?

10. Controle do fluxo:

Você sabe de onde vem o seu hóspede? Tem alguma ideia de qual o percentual de estrangeiros e brasileiros recebe, faz algum controle de entrada dos hóspedes na sua casa?

11. Logística

Como você abastece sua casa para receber os turistas? Faz compras em que local? Produz algo na roça? Quantas vezes por mês/semama faz compras?



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – UFBA
DOUTORADO MULTI-INSTITUCIONAL E MULTIDISCIPLINAR EM DIFUSÃO DO
CONHECIMENTO – DMMDC

APÊNDICE B – MODELO DO FORMULÁRIO DE INVENTÁRIO DOS MEIOS DE
HOSPEDAGEM

➤ **Tabela para controle do inventário**

Meio de hospedagem	Ajudantes	Como hospeda	Preço Diária (R\$)

- Atentar que pode existir oscilação na quantidade de ajudantes em função da variação na taxa de ocupação
- Registrar todas as possibilidades de hospedagem